

Vinícius Gomes

**QUESTÕES HISTÓRICO-PERIÓDICAS: O SEGUNDO GOVERNO LULA NAS  
PAGINAS DA REVISTA PIAUÍ (2006-2010)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História como requisito parcial para obtenção de título de bacharelado e licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Prof. Dr. Adriano Duarte.

Florianópolis  
Dezembro de 2016





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

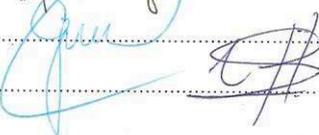
Aos dois dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezesseis, às treze horas e trinta minutos, na Sala 401 do Bloco EFI – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor **Adriano Luiz Duarte**, Orientador e Presidente, o Doutorando **Fabiano Garcia**, Titular da Banca, e o Ms **Gustavo Tiengo Pontes**, Suplente, designados pela Portaria nº40/HST/16 da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Vinicius Gomes**, subordinado ao título: “**Questões histórico-periódicas: o segundo governo Lula nas páginas da revista piauí (2006-2010)**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Adriano Luiz Duarte**, a nota final 10, do Doutorando **Fabiano Garcia**, a nota final 10, e do Ms **Gustavo Tiengo Pontes**, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva em versão digital, ao Departamento de História, até o dia nove do mês de dezembro de dois mil e dezesseis. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

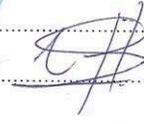
Florianópolis, 02 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. **Adriano Luiz Duarte**..... 

Doutorando **Fabiano Garcia**..... 

Ms **Gustavo Tiengo Pontes**..... 

Candidato **Vinicius Gomes**..... 



## Agradecimentos

Parece um milagre, mas depois de oito anos e quatro meses eu finalmente concluo a graduação em História. Muitas pessoas foram fundamentais durante esse processo, e faz-se necessário mencioná-las.

Família: base de tudo, de onde surgimos e com quem permanecemos até o fim dos dias. Ao meu pai Valdir, à minha mãe Alzira, às minhas irmãs Ana Flávia e Ana Luíza, à minha avó Nair, aos meus sobrinhos Nicolas e Vitória, aos agregados Denis e Vanessa, meu muito obrigado por tudo – por terem me concebido, me acompanhado e me ajudado sempre que necessário. Esse agradecimento é também um pedido de desculpas pela ausência nos últimos anos.

Fabiano Garcia: auxílio fundamental na orientação desse trabalho, teve paciência para aguentar os descuidos com a casa e ainda cuidou para que eu mantivesse a concentração na semana decisiva. Parceiro desde antes de começar a faculdade, companheiro na República Marxista e Literária Tripa Seca, interlocutor nos devaneios literário-político-histórico-obscenos, cúmplice no acompanhamento do melhor produto audiovisual de todos os tempos e também um órfão do saudoso e eternamente em nossos corações Tony Soprano. Muito obrigado, cara, nossa amizade e convívio são fundamentais.

Ana Cláudia Fabre Eltermann: por me fazer acreditar na vontade como possibilidade de cura, por servir como modelo de dedicação, seriedade e comprometimento, por ajudar no fichamento das revistas, por atuar como revisora, incentivadora, amiga, companheira, pela paciência, são tantas coisas que nem sei como agradecer, nem se compusesse um épico de mil páginas em hexâmetros datílicos eu daria conta de expressar a gratidão, o carinho e a ternura que eu sinto por você.

Gustavo Pontes: outro amigo desde o começo do curso, em cinco minutos de conversa entendeu a proposta desse trabalho e concebeu a estrutura que ele tem. Sugeriu referências bibliográficas fundamentais, prestou auxílio sempre que necessário, topou ser membro da banca, indicou bandas altamente interessantes, em suma, sem você esse trabalho simplesmente não teria existido.

Luís Fernando Fintelman da Silva: amigo para todas as horas, confiante, parceiro de viagem, o tipo de pessoa que vai até São Paulo para nos prestigiar na corrida de São Silvestre. Mesmo com tudo isso, eu não fui capaz de ler o TCC dele. Que esse parágrafo sirva como um pedido de desculpas e um comprometimento em fazê-lo tão

logo essa defesa termine. Aproveito aqui para nomear outras pessoas que fazem parte desse mesmo círculo de amizades, desde já pedindo perdão por não escrever um parágrafo para cada um (certamente mereciam): Liandra Schug, Simão Grozny, Suzy Zaparoli e Abel Borges.

Equipe da livraria Livros & Livros: obrigado pela paciência ao longo desses cinco anos de convívio, pelos livros, pelo auxílio material, pelas folgas e horas dedicadas menos ao trabalho e mais às leituras. Aos colegas Fábio Souza, Maicon Resende, Verônica Siqueira e principalmente à Pétula Rodrigues, que desde muito cedo deixou de ser apenas chefe para tornar-se amiga e psicóloga. Se eu atrasei a faculdade por causa do trabalho, ao mesmo tempo eu só permaneci em Florianópolis e com isso consegui me formar graças ao apoio e ao auxílio de vocês.

Gabriela Bessa e João Carlos: uma amizade que surgiu e se torna cada vez mais forte por causa da literatura. Obrigado pelos livros, pelas conversas, e por terem me guiado pelos caminhos da Flip. Cabe aqui também nomear alguns autores que contribuíram para minha formação literário-existencial. Eles nem sabem que existo, jamais chegarão perto de ler esses parágrafos, porém sinto-me na obrigação de referenciá-los e louvá-los: Karl Ove Knausgard, Haruki Murakami, Enrique Vila-Matas e Julio Ramón Ribeyro. Só a literatura salva.

Aos professores: Adriano Duarte, por ter aceitado orientar esse trabalho, e Andréa Ferreira Delgado, pela convivência e amizade ao longo da graduação.

E por fim um agradecimento especial à turma de 2008/02 e ao círculo de amizades que se formou em torno dela: Letícia Gondim, João Paulo Binato de Castro, Lucas Simões, Julio Gabriel, Gesiel Pinho, Lucio César, Isabella Cristina, Altonio Monte Christo, Divaldo Luiz de Amorim, Cássila Melo, Anderson Freitas, Sebastião Gaudêncio, Flávia Ramos, Stefania Lorenzini. É um consenso que essa turma foi a mais legal da História, e tê-los como companhia tornou a vida acadêmica muito menos enfadonha e mais divertida.

Leitura do quinto volume da *História da França* de Michelet. Assim como esqueço os detalhes do que estou lendo e não guardo mais do que uma impressão geral de mal-estar e de horror, além de três ou quatro historinhas curiosas, o mundo se esquece de sua própria história, não a interroga e não tira dela nenhum ensinamento. É como se a história fosse feita para ser esquecida. Que humano, a não ser um especialista, reflete agora sobre a opressão sofrida pelos judeus durante o reinado de Felipe, o Belo, ou sobre o confisco e destruição dos templários? Por isso mesmo, na história que será escrita no ano três mil, a Segunda Guerra Mundial, que tanto custou à humanidade, ocupará nada mais do que um parágrafo, e a Guerra do Vietnã uma nota ao final do volume, que muito poucos se darão ao trabalho de ler. A explicação reside em que o homem não pode fazer a história e ao mesmo tempo entende-la, pois a vida é edificada sobre a destruição da memória. (Julio Ramón Ribeyro, 1982)

## RESUMO

O objetivo dessa monografia é verificar como *piauí*, revista de periodicidade mensal criada por João Moreira Salles, representou em suas reportagens e artigos o segundo governo de Luiz Inácio Lula da Silva na presidência do Brasil. Surgida no final de 2006 desde então a revista publicou, dentre conteúdos diversos, textos que procuraram mostrar e analisar como foi essa segunda experiência do Partido dos Trabalhadores no poder. Valendo-se de referenciais como o estudo da História através de periódicos e a História política, e a partir de análises de textos de autores como Francisco de Oliveira, André Singer e Marcos Nobre veiculados nas páginas da revista, procuramos verificar se a publicação assumiu alguma posição a favor ou contra o governo em questão.

**Palavras-chave:** *piauí*, revista, periódico, Lula, Partido dos Trabalhadores, política, Brasil.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 10
1 Apresentação da revista e aspectos quantitativos.....	p. 16
1.1 A revista <i>piauí</i> no contexto histórico das revistas brasileiras.....	p. 16
1.2 Mais informações importantes sobre a revista.....	p. 18
1.3 O que foi possível apurar no mapeamento das revistas.....	p. 20
1.4 <i>piauí</i> e a política nacional: material contendo outras figuras e discussões políticas brasileiras.....	p. 25
1.5 <i>piauí</i> e a política nacional: textos de caráter aleatório.....	p. 26
1.6 <i>piauí</i> e a política nacional: o contexto político no período 2006-2010.....	p. 28
2 A revista <i>piauí</i> e o governo Lula.....	p. 34
2.1 O contexto histórico do Brasil no início do século XXI.....	p. 34
2.2 A história política.....	p. 36
2.3 <i>piauí</i> e a política nacional: o iconoclasta Francisco de Oliveira.....	p. 39
2.4 <i>piauí</i> e a política nacional: os sentidos de André Singer.....	p. 42
2.5 <i>piauí</i> e a política nacional: o pemedebismo de Marcos Nobre.....	p. 45
2.6 <i>piauí</i> e a política nacional: a candidata Dilma Rousseff.....	p. 47
CONCLUSÃO.....	p. 50
ANEXOS.....	p. 55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p. 60

## INTRODUÇÃO

### **Dos caminhos que levam a uma pesquisa<sup>1</sup>**

Joinville, agosto de 2013: sentado tranquilamente tomando um café, observando as pessoas e as coisas ao redor, vejo na mesa ao lado o exemplar de uma revista até então desconhecida para mim. O tamanho e o desenho da capa me chamam a atenção, começo a folheá-la, vejo que se trata de uma publicação que privilegia os textos (coisa rara atualmente). A presença de nomes como Antonio Prata e David Harvey indica se tratar de um produto culturalmente relevante. Decido passar na banca e adquirir um exemplar. Foi paixão à primeira leitura, e desde então tornei-me um leitor frequente da revista – cujo nome, *piauí*, causou curiosidade e trouxe à tona uma lembrança bastante pessoal.

Teresina, fevereiro de 2016: lendo a atual edição da revista no salão de embarque do aeroporto da cidade (capital do estado do Piauí, olhem que coincidência), aguardando o voo de volta para Santa Catarina – depois de uma semana visitando antigos lugares da minha infância (morei naquela cidade nos anos de 1997 e 1998), sou acometido por um pensamento epifânico: por que não fazer um trabalho de conclusão de curso tendo a *piauí* como fonte? Trata-se de uma publicação consolidada, que conheço bem e já venho acompanhando há algum tempo, é bem provável que eu encontre nela algum tema ou ocorrência que seja possível transformar em objeto de pesquisa. Na volta para casa iniciei algumas leituras e fichamentos, mas por motivos pessoais o trabalho não foi adiante.

Paraty, junho de 2016: durante visita à cidade para conhecer a *Flip – Festa Literária Internacional de Paraty*<sup>2</sup>, resolvo finalmente assinar a revista *piauí*. O brinde para os que faziam a assinatura no evento era um pinguim<sup>3</sup> de geladeira, objeto de desejo de todos os leitores e símbolo máximo da conexão literária-espiritual que atinge os fãs da publicação. Tendo finalmente conseguido tal objeto, e precisando de uma vez

---

<sup>1</sup> Texto livremente influenciado pela seção “Diários”, uma das seções publicadas ocasionalmente nas páginas da *piauí*.

<sup>2</sup> Evento com o qual a revista tem uma relação especial – pois foi na edição de 2006 da *Flip*, em agosto, que circulou a edição de número zero da *piauí* (PINTO, 2014, p. 19). Desde então, são divulgadas propagandas da festa nos exemplares que antecedem o evento.

<sup>3</sup> O pinguim com a boina do Che Guevara é a “mascote” da revista, presente na capa da primeira edição e nas edições em que a publicação completa mais um ano de existência (PINTO, 2014, p. 55).

por todas terminar a graduação, considerei aquele um bom momento para retomar a ideia para o TCC surgida lá nos idos de fevereiro. E foi assim que esse trabalho começou.

### **Mas, afinal, o que é a revista *piauí*?**

O Brasil não é exatamente um país de leitores<sup>4</sup>, seja de livros ou de revistas. Em se tratando de periódicos, apesar da porcentagem da população que se declara leitora desse formato ser a mesma da de livros<sup>5</sup>, não é exatamente uma publicação como a *piauí* a mais procurada – para efeito de comparação, em abril de 2016 a tiragem da *Veja* era de 960 mil exemplares<sup>6</sup>, enquanto no mesmo mês foram lançadas no mercado 57 mil cópias da *piauí*<sup>7</sup>. Contudo, trata-se de uma publicação já consolidada pelo público e pela crítica<sup>8</sup>, e razoavelmente estudada no meio acadêmico – uma rápida pesquisa no Google Acadêmico indica aproximadamente 33 resultados com as palavras-chave “revista *piauí*” no título<sup>9</sup>, todos das áreas de Jornalismo e Comunicação Social. Para referenciar esse trabalho foram selecionadas duas dissertações de Mestrado e um trabalho de conclusão da Graduação que, mesmo não sendo da área de História, fornecem informações relevantes para a apresentação da fonte escolhida.

A revista *piauí*, de periodicidade mensal, teve sua primeira edição publicada em outubro de 2006. Fruto basicamente de um desejo pessoal de seu fundador e editor<sup>10</sup>, o documentarista João Moreira Salles – que gostaria de ver em circulação no país uma publicação aos moldes da norte-americana *The New Yorker*, principal referência e

<sup>4</sup> Neste trabalho não temos a pretensão de discutir, por exemplo, o conceito de letramento – que poderia trazer objeções para essa afirmativa. Ver, por exemplo: SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

<sup>5</sup> RODRIGUES, Maria Fernanda. **44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura**. Disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>>. Acesso em 11 set. 2016.

<sup>6</sup> PORTAL DA IMPRENSA. **“Veja” comemora vendas, mas tiragem deixa a marca de 1 milhão de exemplares**. Disponível em <[http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/76808/veja+comemora+vendas+mas+tiragem+de+ixa+a+marca+de+1+milhao+de+exemplares](http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/76808/veja+comemora+vendas+mas+tiragem+de+ixa+a+marca+de+1+milhao+de+exemplares)>. Acesso em 11 set. 2016.

<sup>7</sup> PIAUÍ. Rio de Janeiro: Alvinegra, ano 10, n. 115, abril 2016, p. 77.

<sup>8</sup> PINTO, Daniela Caniçali Martins. ***piauí* e o campo jornalístico**: um estudo dos discursos sobre a revista. 2014. 289f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p. 75.

<sup>9</sup> Disponível em <[https://scholar.google.com.br/scholar?start=0&q=tudonot%C3%ADtulo:+revista+piau%C3%AD&hl=pt-BR&lr=lang\\_pt&as\\_sdt=0,5&as\\_vis=1](https://scholar.google.com.br/scholar?start=0&q=tudonot%C3%ADtulo:+revista+piau%C3%AD&hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0,5&as_vis=1)>. Acesso em 11 set. 2016.

<sup>10</sup> PINTO, Op. Cit., p. 268.

objeto de comparação dos que analisam a *piauí* –, contou desde o início com um robusto suporte financeiro e material. Salles, herdeiro de uma das maiores fortunas do Brasil<sup>11</sup>, atuou como um mecenas, garantido que a revista tivesse todos os recursos necessários para alcançar seu intento – o de poder fazer circular uma revista com independência editorial e que não se submetesse aos imperativos do mercado<sup>12</sup>. Considerando que está até hoje em circulação pode-se cogitar que esse objetivo foi alcançado, muito provavelmente graças às características que a tornam uma publicação única. Mas quais são essas características?

O primeiro destaque – e que salta aos olhos quando visualizamos a *piauí* exposta em uma banca ao lado de outras revistas, por exemplo – é o tamanho. As medidas (26,6 cm de largura por 34,6 cm de altura) fazem com que se assemelhe ao formato de jornal conhecido como tabloide<sup>13</sup>. As capas, por sua vez, apresentam ilustrações coloridas e “não necessariamente relacionadas ao conteúdo da edição”<sup>14</sup> – mas que podem aludir a pessoas em voga e acontecimentos em destaque da época em que são lançadas (o ano de 2016 tem sido pródigo nesse sentido: já ocorreram capas com ilustrações representando Dilma Rousseff, Eduardo Cunha, Michel Temer, Donald Trump e até o mosquito *Aedes aegypti*).

O tamanho diferenciado permite a publicação de textos densos e longos, com apuração detalhada dos fatos e descrição minuciosa de personagens e eventos. A quase ausência de fotos, ilustrações, gráficos ou tabelas acompanhando as reportagens sugerem um veículo que valoriza a escrita. O papel utilizado – pólen<sup>15</sup> –, mais sofisticado que o comumente utilizado pelas revistas brasileiras, faz com que a sensação de leitura se aproxime da de um livro. E além das reportagens, encontram-se diários pessoais, ensaios, artigos, análises acadêmicas, seções de humor e textos de caráter ficcional – poesias, crônicas, contos e trechos de romances.

Por ora, podemos tratar brevemente do gênero em que se enquadra a *piauí*. Apesar de ressalvas do próprio editor<sup>16</sup>, a revista é geralmente classificada como sendo de “Jornalismo Literário” – segundo Marcello Rollemberg, “uma modalidade jornalística que se desenvolve pela utilização de técnicas da narrativa literária e se

---

<sup>11</sup> PINTO, 2014, p. 246.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 284-285.

<sup>13</sup> **Formatos de Jornais**. Disponível em <<http://diagramaacao.blogspot.com.br/2009/12/formatos-de-jornais.html>>. Acesso em 17 set. 2016.

<sup>14</sup> PINTO, 2014, p. 53.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 130.

propõe a possibilitar angulações diferentes da realidade”. Nessa modalidade, a reportagem “é resultante de um aprofundamento da notícia, tanto no que diz respeito à apuração de dados quanto à maneira como se conduz a narrativa dos fatos”<sup>17</sup>. Esse conceito será retomado em páginas posteriores, porém é importante esclarecer que não é um objetivo desse trabalho questionar se a *piauí* se encaixa efetivamente nas características desse gênero. Por ser um trabalho de História, e não de Jornalismo, aceitaremos essa que é uma conclusão comum dos trabalhos acadêmicos pesquisados, e atentaremos às possibilidades que uma fonte desse tipo pode trazer para a pesquisa histórica – sempre tendo em mente que “as fontes não são nem janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os cépticos; no máximo poderíamos compará-las a espelhos deformantes”<sup>18</sup>.

## Metodologia e objetivos

Mais características serão apresentadas no capítulo 1 e no decorrer do trabalho – que se valerá dos parâmetros metodológicos propostos por Tânia Regina de Luca para a utilização de periódicos como fonte histórica. Tanto a participação em uma oficina ministrada pela autora<sup>19</sup> quanto a leitura do fundamental texto “História dos, nos e por meio dos periódicos”<sup>20</sup> forneceram as coordenadas necessárias para pensar a revista *piauí* como fonte para um trabalho historiográfico, além de também levantarem questões teóricas e conceituais pertinentes. Ao folhear as revistas procuramos sempre ter em mente as dicas de como proceder nessa abordagem, e tentamos incorporar alguns aspectos:

O historiador Jean-François Sirinelli bem observou que “uma revista é antes de tudo lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”, observação extensiva aos jornais. De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e

<sup>17</sup> ROLLEMBERG, Marcello Chami. **Fetichismo em papel pólen**. 2013. 217f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da USP, São Paulo, 2013, p. 21.

<sup>18</sup> GINZBURG, Carlo. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002, p. 44.

<sup>19</sup> Oficina: “Trabalhando com fontes periódicas”. Dias 27 e 28/09/2016, UDESC – Florianópolis/SC, com carga horária de 8 horas.

<sup>20</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meios dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 142. Dentre as dicas podemos destacar: “encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série”, “localizar a publicação na história da imprensa”, “atentar para as características de ordem material”, “caracterizar o grupo responsável pela publicação e os principais colaboradores”, “identificar o público e as fontes de receita”.

valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. Por isso Sirinelli os caracteriza como um “ponto de encontro de itinerários individuais unidos em torno de um credo comum”. Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos<sup>21</sup>.

Já os objetivos e as questões teóricas surgiram após a escolha da fonte. Tendo começado a analisar edições aleatórias na busca de algum tema ou assunto que pudesse dar conta de um trabalho de conclusão de curso, lembramos de um texto escrito por André Singer<sup>22</sup> intitulado “O lulismo nas cordas” e publicado na edição de número 111 (dezembro/2015). O texto fazia um balanço dos anos em que o Partido dos Trabalhadores (PT) esteve na presidência da república – tanto com Luiz Inácio da Silva quanto com Dilma Rousseff no cargo. Logo no início esse artigo trazia uma referência a um texto do mesmo autor, “O lulismo e seu futuro”, publicado na edição 49 (outubro/2010), com um balanço dos anos em que Lula esteve no poder e as perspectivas para o governo de Dilma Rousseff que se iniciaria nos meses subsequentes.

A partir dessas observações começamos a nos perguntar se não seria interessante mapear uma série de revistas *piauí* em busca outros textos de análise e/ou reportagens do período em que políticos do PT ocuparam o cargo de presidente do Brasil. O texto de Singer publicado em 2010 serviu de base para o surgimento do livro “Os sentidos do lulismo”<sup>23</sup>, que se tornou uma importante referência para os estudos de questões políticas, sociológicas e históricas do Brasil contemporâneo. Logo, se um artigo desse vulto veiculado inicialmente nas páginas da revista alcançou tamanha repercussão, talvez encontraríamos outros textos relevantes e que pudessem jogar luz em um período recente da história brasileira, ainda em constante processo de estudo e interpretação – de modo a nos fazer pensar a fonte tanto quanto intérprete do seu tempo como meio de intervenção nele. Com isso chegamos à problemática da pesquisa: como a revista *piauí* retratou, através de textos e reportagens, os anos em que Luiz Inácio da Silva atuou como presidente? O período de análise selecionado, portanto, compreende desde o

---

<sup>21</sup> LUCA, 2010, p. 140.

<sup>22</sup> Cientista político, trabalhou como porta-voz e secretário de Imprensa da Presidência entre os anos de 2003 e 2007. A título de curiosidade, vale citar que o primeiro texto dele publicado na *piauí* foi sobre um disco dos Beatles (“Crítica & autocrítica em Sgt. Pepper, 40 anos”, em junho de 2007 – edição n° 09).

<sup>23</sup> SINGER, Andre. **Os sentidos do lulismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

surgimento da primeira edição da revista (outubro/2006) até o último mês de Lula no comando do país (dezembro/2010).

Sendo assim, o trabalho ficou dividido em dois capítulos. No primeiro daremos sequência à apresentação da revista, falaremos mais do fundador João Moreira Salles e de algumas características (publicidade, relação com os meios editoriais), trataremos brevemente da história dos periódicos no Brasil e do conceito de Jornalismo Literário, e mostraremos o resultado quantitativo da análise das cinquenta e uma edições da revista *piauí* que foram lançadas entre os anos de 2006 e 2010 – com ênfase nos textos de cunho político.

Para então, no segundo capítulo, contextualizar o período histórico selecionado, discorrer sobre o campo de estudos conhecido como “história política”, e por fim apresentar e analisar alguns textos encontrados nas páginas do periódico que tratem especificamente do governo Lula – quatro ensaios interpretativos, duas reportagens sobre a então candidata à sucessora Dilma Rousseff, e uma entrevista com o próprio Luiz Inácio. A partir disso, discorreremos nas Considerações Finais se a *piauí* assumiu alguma posição ao veicular determinadas matérias.

## 1. Apresentação da revista e aspectos quantitativos

### 1.1.A revista *piauí* no contexto histórico das revistas brasileiras

Ao optar por utilizar um meio periódico como fonte, é fundamental ter em mente que “o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa”<sup>24</sup>. A partir dessa necessidade, podemos evocar Marialva Barbosa, quando essa diz ser possível antever no final do século XX “novas formas de escrever, de ler, de relatar, individuais e coletivas”<sup>25</sup>. E mais:

Na última década do século XX já podíamos enfatizar que a sociedade contemporânea não se definia como tal sem os meios de comunicação. A influência de sua ação na sociedade já era de tal ordem que podíamos dizer que as atividades econômicas, políticas e sociais já eram permanentemente mediatizadas pela adoção de um novo modelo informacional...<sup>26</sup>

Podemos trazer essa reflexão para o início do século XXI e utilizá-la para situar nosso objeto de estudo. Num contexto em que “a prática de produzir o descarte se tornou ainda mais premente”<sup>27</sup>, uma revista como a *piauí*, com suas peculiaridades, seu aspecto material diferenciado e sua notada preocupação com a qualidade dos textos publicados, merece crédito por não ser algo descartável. Barbosa ainda nos faz pensar que estamos num período em que “os meios de comunicação produzem, ao veicular em profusão informações, a saturação e a banalização da informação”<sup>28</sup> e que, ao optar pelo diferencial que é um jornalismo com viés mais literário, a *piauí* se “obrigava a invenção de novas fórmulas de narrar os acontecimentos”<sup>29</sup>.

No entanto, apesar de ser um veículo único nos dias atuais (e considerando apenas o que é produzido em nosso país), o mercado editorial brasileiro já conheceu outras revistas com perfil semelhante ao da *piauí* – e que podem ser consideradas sua “gênese”<sup>30</sup>. Entre os anos de 1959 e 1964 circulou, por exemplo, a revista *Senhor*, de periodicidade mensal, destinada às elites econômica e intelectual e que trazia não só um “jornalismo cultural, mas também (...) assuntos de outras áreas, como política,

---

<sup>24</sup> LUCA, 2010, p. 139.

<sup>25</sup> BARBOSA, Marialva. A comunicação ao alcance da mão: novas tecnologias e o fim do século XX. In: \_\_\_\_\_, **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 351.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 350.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 335.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 360.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 361.

<sup>30</sup> ROLLEMBERG, 2013, p. 27.

economia, comportamento”<sup>31</sup>. Além dessas, e da explícita influência da *The New Yorker*, outra coincidência aproxima bastante as duas revistas: a presença de fundadores e editores com alto poder aquisitivo, que permitiram a circulação de periódicos mais custosos que o normal e sem a preocupação urgente de retorno financeiro<sup>32</sup>.

Outra publicação similar foi a *Realidade*, produzida pela Editora Abril<sup>33</sup> e veiculada no período de 1966 até 1976. Na linha tanto da *Senhor*, que a precedeu, quanto da *piauí*, que viria à luz apenas décadas mais tarde, se destacava pela “qualidade editorial, reportagens em profundidade, abordagem de temas tabus e liberdade narrativa”<sup>34</sup>. Segundo Maria Celeste Mira, *Realidade* foi uma das primeiras revistas elaboradas com o propósito de atender públicos mais específicos, ajudando assim a dar início a um período de segmentação desse meio editorial<sup>35</sup>. Com isso pode-se evocar Rollemberg e dizer que ambas (*Senhor* e *Realidade*) “tiveram um papel de formadores para seu público leitor, posto as mudanças pelas quais o Brasil e o mundo passavam no período e as discussões que empreenderam em suas páginas”<sup>36</sup>.

Existe, ainda, outros pontos em comum entre os periódicos *Senhor* e *Realidade*. Foram produtos que surgiram numa fase de transição da esfera de influência. Se até o início do século XX os periódicos produzidos no Brasil tinham produções francesas como referência, a partir da década de 1930 e principalmente no pós-Segunda Guerra Mundial são as revistas provenientes dos Estados Unidos que se tornam parâmetros<sup>37</sup>. A constante citação da *The New Yorker* não deixa de ser resultado desse processo de “internacionalização da cultura e do modo de vida americanos”<sup>38</sup> – já que é também nesse contexto que ganha força o já mencionado gênero “Jornalismo Literário”:

Surgido nos Estados Unidos, ficou mais conhecido a partir da década de 1960, quando muitos escritores começaram a publicar matérias eivadas de estilo autoral, primeiramente em jornais, depois em revistas dominicais e, finalmente em publicações especializadas, principalmente na revista *The New Yorker*. É justamente ela, em muitos aspectos, a patrona e maior fomentadora

---

<sup>31</sup> PINTO, 2014, p. 57.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>33</sup> Vale mencionar que a *piauí* tem um acordo com a Editora Abril, mas apenas para questões de logística, como assinaturas e distribuição em bancas (ROLLEMBERG, 2013, p. 12).

<sup>34</sup> PINTO, 2014, p. 61.

<sup>35</sup> MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: O caso da Editora Abril**. 1997. 366f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Unicamp, Campinas, 1997, p. 65-66. Mais à frente, a autora explica o que seria a “lógica diferenciada das revistas segmentadas: menor tiragem (em torno de 100 mil exemplares), públicos específicos, oferecidos a anunciantes também específicos, mercado mais instável” (p. 233), porém com um público mais fiel.

<sup>36</sup> ROLLEMBERG, 2013, p. 26.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>38</sup> Ibidem, p. 48.

do novo estilo – e onde *piauí* foi buscar inspiração para sua própria existência.<sup>39</sup>

A existência dessas publicações anteriores mostra que, mesmo João Moreira Salles não as citando como referência direta (fez isso apenas com a *The New Yorker* e outras publicações estrangeiras<sup>40</sup>), existiram outros exemplos de Jornalismo Literário em terras tupiniquins. Tanto que há quem argumente que *piauí* tenha um caráter mais “informador” do que “formador” de um público, uma vez que se destine “a um nicho já constituído”<sup>41</sup> – ao contrário de suas predecessoras. De qualquer modo, como afirma Pinto, “*piauí* – assim como suas precedentes e outras revistas que venham a surgir – é fruto do percurso histórico do jornalismo e da sociedade brasileira”<sup>42</sup>, e não um acontecimento isolado fruto da mente visionária e do bolso infinito de um mecenas.

## 1.2. Mais informações importantes sobre a revista

Retomando uma citação de Luca, somos levados a pensar que as revistas “não são (...) obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”<sup>43</sup>. Sabemos que a vontade de criar uma revista diferente do que existia no jornalismo brasileiro surgiu de um desejo pessoal de João Moreira Salles. Mas não sendo ele uma pessoa do meio, precisou contar com o apoio de profissionais da área jornalística, que se reuniram durante mais de um ano para dar forma àquela que seria a *piauí*<sup>44</sup>.

O núcleo de idealizadores era composto, além de Salles – que já havia dirigido o documentário “Entreatos”, em 2002, com os bastidores da campanha eleitoral de Lula –, por nomes experientes da mídia brasileira (mas sem aparente ligações partidárias), como Mario Sergio Conti, Dorrit Harazim e Marcos Sá Corrêa. Relevante mencionar também que nos primeiros meses de publicação havia um conselho editorial que se reunia esporadicamente para oferecer críticas e sugestões, composto por nomes como Armínio Fraga Neto (ex-presidente do Banco Central durante o governo de Fernando Henrique

---

<sup>39</sup> ROLLEMBERG, 2013, p. 23.

<sup>40</sup> PINTO, 2014, p. 57.

<sup>41</sup> ROLLEMBERG, 2013, p. 28.

<sup>42</sup> PINTO, 2014, p. 67.

<sup>43</sup> LUCA, 2010, p. 140.

<sup>44</sup> PINTO, 2014, p. 29.

Cardoso), a atriz Fernanda Torres, o apresentador Luciano Huck, o editor Luiz Schwarcz, dentre outros<sup>45</sup>.

Essa equipe definiu os princípios, objetivos e valores que norteariam a publicação a ser lançada, tais como<sup>46</sup>: “*piauí* será uma revista para quem gosta de ler”; “Suas reportagens, relatos e diários terminarão quando o assunto terminar, em vez de serem espremidos porque o espaço chegou ao fim. Para que *piauí* fique bonita, tenha bastante coisa para ler e ver, e dure um mês na mão do leitor, ela terá um formato maior do que o tradicional”; “*piauí* será uma revista de reportagens. Ela buscará os temas atuais, embora não tenha pressa em chegar primeiro às últimas notícias”; “Não terá restrições temáticas, políticas ou ideológicas”; “Cobrirá qualquer assunto que uma reportagem possa tornar interessante”; “Para dar conta de situações que estão além do poder da narrativa jornalística, *piauí* publicará ficção”.

Tendo ciência dos objetivos da revista, não ficamos na dependência de ler os editoriais ou as cartas aos leitores para conhecermos a linha que *piauí* pretende seguir. Mesmo porque o trabalho de Daniela Martins Pinto e o acesso às edições mais antigas confirmaram aquilo que já tínhamos observado desde que passamos a colecionar a revista, e que não deixa de ser também uma característica relevante: ela não tem editorial nem carta ao leitor. Isso porque Salles acreditava conseguir demonstrar “o ‘espírito’ da revista em suas poucas seções fixas”<sup>47</sup> – que são, conforme levantamento feito para essa pesquisa, as seções *Chegada*, *Esquina*, *Carta do leitor* e *Despedida*, constantes em todos os números desde a primeira edição.

O fato de não ter editorial invalida para o presente trabalho uma das formas que Carlos Costa alega ser importante para a revista criar um “diálogo” com o leitor – que seria “reiterado na ‘carta do editor’, a página onde se apresentam as ofertas de cada edição”. Contudo, outras formas de verificar tal diálogo são possíveis, por exemplo, “nas cartas que o editor seleciona para a publicação, na seleção de reportagens e textos, no visual da publicação”<sup>48</sup>; e serão mais fáceis de verificar na medida em que forem sendo apresentados os resultados da análise de cada edição.

---

<sup>45</sup> PINTO, 2014, p. 34.

<sup>46</sup> Divulgados na edição de número zero, e reproduzidos por Pinto em sua dissertação de Mestrado (2014, p. 297-298).

<sup>47</sup> PINTO, 2014, p. 38.

<sup>48</sup> COSTA, Carlos. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. A revista no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda, 2012, p. 22.

Como também sugere Costa, o primeiro número de uma publicação “costuma ser o cartão de visitas, a proposta do que a revista pretende ser”<sup>49</sup>. Já vimos que a *piauí* teve uma edição de número zero; porém, diante da impossibilidade de acessá-la, partimos da leitura do primeiro exemplar veiculado para analisar empiricamente as peculiaridades da revista. Ainda segundo o mesmo autor, “um número 7 ou 20 mostra o que esse periódico, passado a euforia do lançamento, conseguiu realmente ser”<sup>50</sup>; logo aumentamos a série de análise para 51 exemplares – que correspondem justamente ao período em que *piauí* foi lançada em bancas de revistas (nº 01 – outubro/2006) até o último mês do segundo mandato de Lula na presidência (nº 51 – dezembro/2010). Com isso também nos aproximamos das preocupações de Tânia Regina de Luca ao trabalhar com fontes periódicas, quando alerta ser importante “localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado”<sup>51</sup>.

Por fim, ter a possibilidade de folhear as edições também “é importante [para] estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural”<sup>52</sup>. No caso da *piauí*, o tamanho diferenciado, a concepção gráfica, a utilização do papel pólen e a extensão dos textos são algumas de suas principais características materiais, e que se coadunam aos objetivos da publicação citados anteriormente.

### **1.3. Mas enfim, o que foi possível apurar a partir do mapeamento das revistas?**

O mapeamento para esta pesquisa compreendeu a análise de cinquenta e uma edições da revista *piauí*, publicadas entre os meses de outubro de 2006 e dezembro de 2010. Nesse ponto precisamos fazer uma observação de cunho pessoal e confessar a dificuldade que foi ter que deixar de lado páginas de leitura tão deliciosa como as que continham, por exemplo, uma entrevista com o jornalista esportivo Paulo Vinícius Coelho, um estudo do Oliver Sacks sobre o significado das flores ou as memórias da filha do Antonio Candido, para focar nos textos sobre a política nacional<sup>53</sup>. O pingüim de porcelana esteve à espreita o tempo todo aqui na escrivaninha, e receosos de seu

---

<sup>49</sup> COSTA, 2012, p. 24-25.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 24-25.

<sup>51</sup> LUCA, 2010, p. 139.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 132.

<sup>53</sup> É importante ressaltar a expressão “política nacional”, pois encontramos também muitos textos sobre o cenário político mundial (como os que tratavam da eleição de Cristina Kirchner na Argentina e Barack Obama nos Estados Unidos) que, dado o contexto dessa pesquisa, foram descartados.

poder sobrenatural, achamos melhor concentrar o olhar no que pudesse oferecer subsídios para o trabalho.

Dentre a miríade de escritos contidos nesses cinquenta e um exemplares, chegamos a um total de setenta textos que ajudam a responder a problemática deste TCC – rememorando, analisar como a *piauí* retratou os anos de Lula e do PT na presidência da República. Como um governo não se faz apenas através da figura do presidente ou de um partido, consideramos válido verificar também textos que retratassem o contexto político nacional, através de ensaios interpretativos, reportagens sobre episódios de destaque, perfis de figuras-chave em determinados acontecimentos. Além de escritos aleatórios que evidenciam outra característica fulcral da revista – um senso de humor bastante peculiar<sup>54</sup>.

A partir desse levantamento montamos uma tabela contendo quatro divisões que servirão como parâmetro para a descrição do material analisado, com as seguintes especificações: reportagens e artigos que tratam diretamente do presidente Lula e sua possível sucessora Dilma Rousseff; matérias sobre personagens e situações relacionadas ao contexto político nacional do período 2006-2010; material contendo outras figuras e discussões políticas brasileiras; e textos de caráter aleatório. As quantidades de cada divisão constam abaixo:

Tabela 1: divisão do material analisado em 51 edições da revista *piauí*

<b>Ano</b>	<b>Presidente Lula e sucessora</b>	<b>Personagens e situações relacionadas</b>	<b>Outras figuras e discussões</b>	<b>Aleatórios</b>	<b>TOTAL</b>
<b>2006</b>	0	3	1	0	<b>4</b>
<b>2007</b>	1	10	2	1	<b>14</b>
<b>2008</b>	0	6	3	2	<b>11</b>
<b>2009</b>	4	11	1	2	<b>18</b>
<b>2010</b>	2	14	2	5	<b>23</b>
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>44</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>70</b>

Antes de um levantamento mais minucioso da tabela acima, porém, cabe ressaltar outros aspectos que a leitura em série proporcionou. O primeiro deles é a publicidade veiculada. Além dos anúncios de praxe do Governo Federal e de grandes

<sup>54</sup> ROLLEMBERG, 2013, p. 70-71.

empresas e editoras, observamos que desde o primeiro exemplar consta em todas as edições (até as mais recentes, do ano de 2016) uma publicidade de duas páginas do banco Itaú, sempre na contracapa e na primeira folha. Não se trata, provavelmente, de algo gratuito, tendo em vista que João Moreira Salles é um dos herdeiros da referida instituição<sup>55</sup>. Outro anúncio continuamente visto é da editora Companhia das Letras, presente desde a terceira edição até às lançadas no corrente ano. Essa constatação é importante pois, como nos alerta Luca, “a relação dos grupos literários com a imprensa comporta, ainda, outros aspectos”<sup>56</sup>. No nosso caso, essa frase se encaixa como uma luva ao sabermos que Luiz Schwarcz, proprietário da Companhia das Letras, “atuou como uma espécie de consultor e, em alguns momentos, mediador de Salles; as primeiras reuniões de planejamento da revista, inclusive, ocorreram na sede da editora”. E também que João Moreira Salles é sócio do grupo editorial mencionado<sup>57</sup>.

Outro exemplo são as relações da *piauí* com a FLIP, maior evento de literatura do país. Desde a edição de 2007 a feira conta com o apoio da revista, e na edição de 2016 (conforme constatamos pessoalmente) chegou a patrocinar a vinda de escritores como Svetlana Alexievich e Karl Ove Knausgard – não por acaso, autores cujos livros foram lançados no Brasil pela Companhia das Letras.

Ainda sobre as propagandas da editora Companhia das Letras, é curioso notar que estão sempre dispostas logo abaixo da parte em que constam mini perfis dos jornalistas, escritores e demais pessoas que colaboraram com textos, e que funciona como uma espécie de segundo sumário. Isso remete a outra citação de Tania Regina de Luca: “o sumário que se apresenta ao leitor resulta de ‘intensa atividade de bastidores’, cabendo ao pesquisador recorrer a outras fontes de informação para dar conta do processo que envolveu a organização, o lançamento e a manutenção do periódico”<sup>58</sup>. Outro exemplo esclarecedor dessa relação: a edição 39 (dezembro/2009) contém um anúncio do livro “Padre Cícero”, de Lira Neto – quatro edições depois da revista publicar um trecho dessa obra (na edição 35, de agosto/2009).

Dignos de nota também são os anúncios institucionais, ou que fazem referência à própria revista. Na edição de número 5 (fevereiro/2007) há numa página inteira um texto intitulado “Homenagem”, no qual a própria *piauí* se manifesta com ironia sobre o caos aéreo que se viveu à época, citando inclusive o nome de Waldir Pires, então

---

<sup>55</sup> PINTO, 2014, p. 246.

<sup>56</sup> LUCA, 2010, p. 125.

<sup>57</sup> PINTO, 2014, p. 33.

<sup>58</sup> LUCA, 2010, p. 141.

Ministro da Defesa. Outro exemplo, e que ajuda a ressaltar o caráter irônico do periódico, está na edição 9 (junho/2007, p. 67). Trata-se de um comunicado institucional através do qual informa-se aos leitores que a revista é a “patrocinadora oficial do 6º Campeonato Brasileiro de Ioiô”, pois “prefere o ioiô ao vai-e-vem dos lobistas, deputados, ministros, governadores, empreiteiros, zuleidos e demais personagens do noticiário político”<sup>59</sup>.

Mais um caso de anúncio institucional carregado de ironia está na edição 25 (outubro/2008), que comemora o segundo ano da revista. Um destaque pequeno na capa, com a frase “Edição especial e pré-sal de segundo aniversário”, já dá o tom do que veremos no meio da revista (p. 36): um editorial de aniversário intitulado “Ufanismo crítico – haverá pré-sal e prosecco para todos”. Vale transcrever alguns trechos:

É com os pés fincados em petróleo e as mãos empapadas de pré-sal que **piauí**, do alto de sua inquebrantável tradição adesista, se agrega ao gáudio nacional para comemorar seu histórico segundo aniversário. Nunca, jamais, em tempo algum na milenar história desta revista e deste tórrido torrão houve tanto ensejo para exaltação. As conquistas pátrias se sucedem em catadupa, catapultando o Brasil à primeira fila da vanguarda da regressão. [...] No centro-oeste, a soja verdejante jorra a alturas cerúleas e atinge aviões, provocando caos aéreo. [...] Não é para menos. Num período de capitalismo triunfante e arrogante, o Brasil está prestes a abolir as classes sociais. Tanto que o governo vem de anunciar, com álares alarde, que a mais numerosa categoria de trabalhadores é a das empregadas domésticas. Já são 8 milhões de proletárias exclusivas. Elas servem cafezinho a 8 milhões de patroas progressistas.

Uma última citação de anúncio institucional irônico que queremos demonstrar está no número 44 (maio/2010, p. 26). Para celebrar o recebimento de um prêmio de revista do ano, são apresentados trechos como este: “Como é de conhecimento da encolerizada nação brasileira, a revista **piauí** é notória porta-voz dos caprichos petistas e demo-tucanos, vendendo-se com rapacidade a quem lhe oferecer mais privatizações ou obras do PAC”. Tais citações serão úteis também mais à frente, quando trataremos de uma possível linha editorial/política da nossa fonte.

Temos ainda dentro desse tópico de análise geral a questão das cartas enviadas pelo público da revista, na qual podemos retomar a discussão de Carlos Costa sobre o diálogo com os leitores. O mesmo autor diz que “do emissor sabemos alguma coisa, e

---

<sup>59</sup> “Zuleidos” trata-se, provavelmente, de menção direta a um dos investigados pela “Operação Navalha” da Polícia Federal, que no primeiro semestre de 2007 buscou dar fim a um suposto esquema de desvio de verbas em obras públicas federais: **STF liberta Zuleido Veras, dono da Gautama**. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/stf-liberta-zuleido-veras-dono-da-gautama-ahvcqutudrg1bu4vks39fhnbi>>. Acesso em 05 Nov. 2016.

pelo que ele seleciona e publica, podemos saber quem estaria do outro lado da emissão. Não apenas o leitor real, que algum dia folheou aqueles exemplares, mas o leitor projetado e procurado pelos editores”<sup>60</sup>. Se aqueles que enviam cartas para a redação são os leitores projetados não temos como afirmar, mas é inegável que se trata de um público que parece pensar de forma tão irônica e diversificada quanto os responsáveis pela revista.

O aspecto mais recorrente nas missivas diz respeito a uma suposta linha política da *piauí*. Para Daniela Martins Pinto, por mais que “uma revista [se apresente] sem ‘restrições temáticas, políticas ou ideológicas’ (...), é inegável que cada publicação segue determinada linha política-ideológica, muitas vezes evidente para o leitor”<sup>61</sup>. Em sua dissertação, a autora cita estudos que afirmam que a revista “aponta para uma resistência ao discurso capitalista globalizado (...) identificando, evidentemente, uma linha ideológica”<sup>62</sup>; também há os que alegam ser “um produto editorial distinto dos modelos hegemônicos, com um ideal transgressor na concepção”<sup>63</sup>.

Em se tratando dos leitores, existe uma evidente confusão de qual seria essa linha ideológica. É comum encontrar missivistas enfatizando tanto que a revista é de esquerda, alinhada ao governo, quanto de direita. Por exemplo, na edição 24 (setembro/2008) um leitor afirma ser “mais uma publicação esquerdista mascarada de imparcial” (p. 71), enquanto no número 32 (maio/2009) outro sente “um certo ar de conservadorismo, favorecendo mais nossa elite política” (p. 64). Quando respondidas, tais tipos de cartas são tratadas com ironia pela redação: “instados a sair do armário e informar claramente a nossa posição político-partidária, proclamamos sem medo: pouca saúde e muita saúde, os males do Brasil são!” (edição 38, novembro/2009, p. 76). E alguns leitores também se valem de ironia ao oferecerem sua opinião sobre a celeuma: “em um mês, os leitores os tacham de opositoristas, subversivos e burgueses (...); na edição seguinte, a revista é tachada de governista, inescrupulosa e subserviente (...) os leitores têm memória curta ou a revista é bipolar?” (edição 41, fevereiro/2010, p. 55). Em resumo, não é através dessas cartas que será definida uma possível ideologia da *piauí*. Nossa opinião a respeito será apresentada na conclusão da monografia

Como derradeiro parágrafo desse tópico, convém destacar um ponto levantado por Tania Regina de Luca em uma recente oficina sobre o trabalho do historiador com

---

<sup>60</sup> COSTA, 2012, p. 22.

<sup>61</sup> PINTO, 2014, p. 20.

<sup>62</sup> CARVALHO apud PINTO, 2014, p. 113.

<sup>63</sup> VALENTINI apud PINTO, 2014, p; 130.

fontes periódicas<sup>64</sup>. A pesquisadora, citando o caso de uma revista cuja seção de cartas continha elementos ficcionais, alertou para uma possível invenção de nomes e conteúdo presentes no espaço destinado aos leitores – alerta esse que deveria ser levando em conta numa publicação com caráter tão irônico como a *piauí*. Tal ressalva veio à mente quando deparamos com a seguinte correspondência (veiculada na edição 38, de novembro/2009):

Lendo a seção de cartas, venho reparando que mesmo o público “diferenciado” da revista parece não conseguir interpretar, de fato, um texto. Entendem-no por apenas um viés, que tende a ser superficial, quanto, nesse tipo de jornalismo, a riqueza e importância encontram-se muito mais nos detalhes da narrativa, na perspectiva subjetiva dos fatos, e menos talvez no tema abordado. Ou esse público está menosprezando a capacidade dos repórteres, ou eu posso estar tendo delírios cognitivos durante minhas leituras.

O que acendeu o alerta, além do tom de desabafo do conteúdo, foi o nome bastante estranho da remetente: Pafúncia Santa-Cruz. Não há como comprovar a autenticidade das missivas, mas achamos válido deixar esse questionamento em aberto.

Partimos, agora, para a verificação dos dados da tabela 1 – deixando de lado a sequência pré-estabelecida para uma apresentação que se adapta melhor ao andamento da escrita.

#### **1.4. *piauí* e a política nacional: material contendo outras figuras e discussões políticas brasileiras**

Maria Celeste Mira, ao estudar revistas da Editora Abril surgidas na década de 1960, encontra nelas “uma espécie de ideia fixa: a ‘de descobrir e mostrar o Brasil ao leitor brasileiro’”<sup>65</sup>. Essa cara característica é facilmente verificada nas páginas da *piauí*, onde “vê-se muito nitidamente uma vontade de refletir sobre o Brasil, seus tipos mais comuns e a história do país”<sup>66</sup>. Os nove textos dessa subdivisão são exemplos disso.

Logo na 3ª edição, de dezembro/2006, encontra-se um texto da seção “esquina”<sup>67</sup> sobre as queixas de Antonio Carlos Magalhães na oposição ao governo (p. 15). Em março do ano seguinte (edição 06, p. 21-23) há um perfil de Ciro Gomes,

<sup>64</sup> Oficina: “Trabalhando com fontes periódicas”. Dias 27 e 28/09/2016, UDESC – Florianópolis/SC, com carga horária de 8 horas.

<sup>65</sup> MIRA, 1997, p. 66.

<sup>66</sup> COLBACHINI apud PINTO, 2014, p. 147.

<sup>67</sup> Uma das quatro seções fixas, compostas por textos curtos, sempre com assuntos variados e curiosos, e que até o ano de 2011 não apresentava o nome do autor(a).

destacando a trajetória política dele e da família. Ainda nessa edição, consta na capa algo que despertou curiosidade: um pequeno destaque no canto superior direito com a frase “Nem uma só linha sobre o novo ministério de Lula” – e realmente, dentro do exemplar não se encontra qualquer menção ao governo.

Dentro da edição 11 (agosto/2007) há um “dossiê poder & política”, do qual faz parte uma reportagem em que o próprio João Moreira Salles acompanhou Fernando Henrique Cardoso numa viagem de dez dias, na qual o ex-presidente apresentou uma série de palestras nos Estados Unidos (p. 26-32). No exemplar 21 (junho/2008), aparece uma reportagem sobre um assentamento do Movimento Sem Terra (p. 28-32), seguida de um ensaio de Ermínia Maricato sobre a questão fundiária no campo e na cidade (p. 34-35). Em agosto de 2008 temos uma reportagem sobre a situação do candidato Antonio Carlos Magalhães Neto na disputa política de Salvador (edição 23, p. 20-25). Já no mês de maio/2009 (edição 32, p. 20-23) há uma reportagem sobre a rotina de um novo membro da Câmara dos Deputados. Por fim, duas grandes matérias sobre o funcionamento e o cotidiano dos juízes do Supremo Tribunal Federal – dividida em duas edições: a primeira em agosto/2010 (n. 47, p. 36-46) e a segunda no mês seguinte (n. 48, p. 34-41).

### **1.5. *piauí* e a política nacional: textos de caráter aleatório**

Talvez a peculiaridade que mais se destaca na *piauí*, além da qualidade dos textos e do rigor das reportagens, seja um senso de humor bastante particular, que permeia também os escritos que procuram dar conta da situação brasileira: “é importante perceber que a presença muito forte de elementos identitários estereotipados, satirizando-os e ao mesmo tempo a recomposição de fatos e notícias num viés bastante interpretativo delineiam os contornos do país, ou pelo menos de uma proposta de país”<sup>68</sup>. Tal colocação é balizada por Daniela Martins Pinto, quando conclui que “o ato de voltar-se ao país tramado pela revista se daria com a postura crítica e irônica que lhe é característica”<sup>69</sup>.

Isso nos permite justificar a amostragem dos textos dessa subdivisão (dez no total). Começando com um texto da seção “esquina” intitulado “As camiseiras de Lula e o desafio do pescoço curto” (edição 05, fevereiro/2007), no qual é apresentada a

---

<sup>68</sup> COLBACHINI apud PINTO, 2014, p. 147.

<sup>69</sup> PINTO, 2014, p. 148.

camisaria responsável pela vestimenta do ex-presidente. Na edição 23, de agosto/2008, outro componente da seção “esquina”, dessa vez sobre o problema do “sânscrito fajuto que compromete a Operação Satiagraha” (p. 10).

No exemplar 26, de novembro/2008, vemos um texto que merece atenção detalhada. Presente na seção “chegada”<sup>70</sup>, e intitulado “A primeira vítima da crise financeira foi o Botox”, trata dos supostos efeitos que a crise econômica da época trouxe para a fisionomia do presidente. O trecho a seguir ajuda a ilustrar a forma, digamos, diferenciada que a revista por vezes escolhe para tratar de temas mais sérios: “as rugas de expressão que amarrotam a testa presidencial em outubro têm tudo para ficar. Elas andavam ausentes da política nacional há mais de três anos, desde que Lula inaugurou, na segunda metade de seu primeiro mandato, a blindagem fisionômica de homem acima dos acontecimentos. Seu reaparecimento só pode ser um sintoma de mudanças mais profundas – no mínimo, subcutâneas” (p. 7).

Constam ainda desse tópico reportagens como a de intérpretes presidenciais na edição 36 (setembro/2009, p. 26-32); texto da seção “esquina” sobre uma fábrica que produz máscaras de políticos para o carnaval, incluindo as do Lula sindicalista e do “Lulinha paz e amor” (edição 38, novembro/2009, p. 17); outro da “esquina” (edição 40, janeiro/2010), de caráter mais irônico que o normal, no qual são oferecidas sugestões de cuecas e meias a serem utilizadas para esconder dinheiro – partindo de um caso que “começou com José Adalberto Vieira da Silva – assessor parlamentar do PT –, flagrado em 2005 com 100 mil dólares na cueca e que chega agora às partes íntimas dos Democratas” (p. 12); e em setembro/2010 mais um da “esquina”, na edição 48, intitulado “Retrato de classe – conversa com alguns burgueses”, em que são entrevistados jovens de periferia que praticam Tênis, sempre parafraseando (e ironizando) a frase do Lula sobre esse ser um “esporte de burguês” – nos pareceu algo um pouco crítico à essa postura.

Encerramos explicando que uma seção esporádica nas páginas da *piauí* é o “The Piauí Herald”, que simula “um jornal fictício com textos humorísticos e irônicos”<sup>71</sup> – sempre ilustrado por fotos com montagens excêntricas. São três os exemplos que se encaixam no recorte dessa pesquisa: uma edição do “jornal” que cobre uma fictícia “Military Fashion Week” (edição 42, março/2010), recheada de montagens em que o então ministro da Defesa Nelson Jobim aparece nas mais diversas situações; uma

---

<sup>70</sup> Outro dos elementos fixos da *piauí*, também sem indicação de autoria.

<sup>71</sup> PINTO, 2014, p. 38.

“edição especial” do “The Piauí Herald” (n. 44, maio/2010, p. 36-40) contendo três partes, cada uma defendendo o voto para um dos principais candidatos à presidência à época (Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva); e em dezembro/2010 uma edição nomeada “The Bulgária Herald”, com fatos sobre o país de origem da família da então recém-eleita presidenta Dilma Rousseff (n. 51, p. 42-45).

A utilização do humor na imprensa brasileira não é novidade da *piauí*, cabe ressaltar. Desde o século XIX encontram-se veículos e jornalistas dispostos a retratar as mudanças da sociedade com um viés irônico e questionador. Elias Thomé Saliba elucida isso em seu estudo sobre a Belle Époque, onde mostra que “no caso brasileiro, este esquema de representação humorística parece encontrar-se engastado (...) nas brechas e nas mediações da cultura escrita e nos circuitos da literatura culta”<sup>72</sup> – observação que serve também para nosso objeto de estudo. Adotar uma postura irônica no meio de reportagens e ensaios pretensamente sérios pode representar um “esforço inaudito de desmascarar o real, de captar o indizível, de surpreender o engano ilusório dos gestos estáveis e de recolher, enfim, as rebarbas das temporalidades que a história, no seu constructo racional, foi deixando para trás”<sup>73</sup>.

### **1.6. *piauí* e a política nacional: o contexto político no período 2006-2010**

O objetivo deste trabalho é pesquisar e analisar como a revista *piauí* retratou os anos do segundo mandato de Lula na presidência do Brasil. No decorrer da análise das fontes chegamos a sete textos que, entre ensaios interpretativos e reportagens jornalísticas, tratam diretamente da figura do ex-presidente, de sua atuação no governo e da possível sucessora e que, ao nosso ver, oferecem uma boa amostragem da linha editorial e política da revista – oferecendo também respostas à problemática proposta. Tal conjunto de matérias será esmiuçado no capítulo subsequente.

Por ora, encerraremos esse primeiro capítulo com uma série documental que abarca o contexto político no qual o ex-presidente Lula estava inserido. Aqui começamos a nos aproximar do conceito de História política<sup>74</sup>, cujo estudo, na

---

<sup>72</sup> SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 35.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>74</sup> Que será apresentado melhor no segundo capítulo.

perspectiva de Tania Regina de Luca, “não poderia dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder”<sup>75</sup>.

Consideramos que quarenta e quatro textos se encaixam nessa subdivisão. A quantidade é elevada, porém se adapta a outra afirmação de Luca, quando defende que “os periódicos, pólos em torno dos quais se reuniam e disciplinavam forças, oferecem oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar de densidade os embates em torno de projetos políticos e questões artístico-literárias que longe de esgotarem-se em si mesmas, dialogam intensamente com os dilemas do tempo”<sup>76</sup>. Contudo, para não tornar a leitura maçante, optamos por citar no corpo do trabalho as matérias mais relevantes para nosso recorte, chegando a um total de dez – a lista com os demais textos se encontra nos anexos.

Já no primeiro exemplar vendido em banca de revistas (n. 01, outubro/2006) encontramos páginas que fazem referência ao governo. Não se trata de um artigo ou reportagem, mas sim uma sessão de fotos<sup>77</sup> de autoria de Orlando Brito, com o registro em preto-e-branco de personagens políticos como Lula (mostrando o rosto coberto por um lenço, com destaque para o dedo que falta na mão esquerda), José Dirceu, Antonio Palocci, Aloizio Mercadante, Márcio Thomaz Bastos, Luiz Gushiken, dentre outros. Há um texto introduzindo os registros fotográficos, sem autoria, com um teor desesperançoso em relação ao universo político: “as fotos captam vultos sombrios do poder. Captam a tensão entre o que é dito nos palanques e para as câmeras de televisão e aquilo que, nos bastidores, é urdido de fato. As fotos estão além da retórica política, da imagem que os políticos fazem de si mesmos. Elas mostram o desespero da política” (p. 58). E ainda: “são fotos que voltam à CPIs do mensalão e apresentam figuras-chave do dossiê falso dos sanguessugas. [...] Elas mostram aquilo que é real e pouco aparece: a desesperança, a soberba, o nervosismo do poder no momento em que ele perde potência, em que deixa de ser poder” (p. 58).

O perfil do ex-ministro José Dirceu é retratado na edição 16, de janeiro/2008 (p. 22-34). A repórter Daniela Pinheiro (que faz parte do corpo fixo de jornalistas da *piuí* desde seu surgimento)<sup>78</sup> acompanhou uma viagem em que Dirceu trabalhou como consultor de figuras do meio empresarial e político, no período em que era réu do

---

<sup>75</sup> LUCA, 2010, p. 128.

<sup>76</sup> LUCA, Tania Regina de. Introdução. In:\_\_\_\_\_. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Unesp, 2011, p. 2-3.

<sup>77</sup> Apesar da predominância do escrito, verifica-se eventualmente nas páginas da *piuí* seções de fotografias (intitulada “portfólio”) e também quadrinhos.

<sup>78</sup> PINTO, 2014, p. 42.

processo do Mensalão. Além de detalhes da viagem e da atuação civil do retratado, o texto apresenta a trajetória de José Dirceu na política, seus anos de exílio, suas relações com Lula e o PT, sua atuação enquanto Ministro-Chefe da Casa Civil. Curioso notar, à luz dos acontecimentos recentes, que se fosse por Dirceu o PT teria se aproximado do PMDB muito antes do que efetivamente aconteceu (p. 26) – mas essa é uma observação que não se encaixa no nosso objeto. Cabe apenas mais um comentário: na edição subsequente da revista (n. 17), o próprio José Dirceu enviou uma carta para a redação, fazendo “correções às imprecisões contidas na minha entrevista” (p. 68) – ressaltando assim o diálogo com o leitor proposto por Carlos Costa, e tornando-o mais complexo (já que envolve diretamente uma figura retratada na reportagem).

O próximo registro é da reportagem “Tesouro submerso” (edição 19, abril/2008, p. 32-36), sobre as descobertas da Petrobras na camada de pré-sal. A assinatura é de Consuelo Dieguez, outra jornalista do time de redatores fixos da revista – e fazemos esse destaque por causa de outra orientação de Luca, quando diz ser “evidente a necessidade de olhar com atenção para os responsáveis e colaboradores mais assíduos, pois, na maioria das vezes, revistas e jornais constituem-se projetos coletivos”<sup>79</sup>. O enfoque da matéria está nos bastidores da descoberta, nas reações de ministros e do presidente Lula, na comparação com países que trataram o petróleo como um recurso nacional, nas discussões sobre qual o melhor método de exploração das jazidas. E termina assim: “ao Brasil, a demora na exploração pode ter o significado da perda do que talvez seja o último sopro da civilização do petróleo. Cada vez mais, o mundo estará falando em hidrogênio líquido, em biocombustível e em combustíveis alternativos. A corrida do petróleo pode, pois, desacelerar” (p. 36).

Transcrevemos o final pois ele é muito parecido com um trecho de outra reportagem sobre o pré-sal, escrita pela mesma jornalista e publicada na edição 28 (janeiro/2009, p. 30-33): “o governo terá que dar respostas rápidas a todas essas questões. As descobertas no pré-sal, ainda que espetaculares, podem ter acontecido no que talvez seja o último sopro da civilização do petróleo. É provável que, já no próximo meio século, novas fontes de energia estejam a ponto de substituí-la” (p. 33). Numa interpretação pessoal, fiquei com a impressão de a revista (ou talvez apenas a jornalista) estar se posicionando a favor de o governo se unir com petrolíferas privadas para explorar as bacias, dado o tom de urgência dos trechos citados. E, coincidência ou não,

---

<sup>79</sup> LUCA, 2011, p. 2.

entre as duas reportagens encontramos (na edição 25, cuja capa ostenta a frase “edição especial e pré-sal de segundo aniversário”) uma publicidade da Shell (p. 42-43) intitulada “Diga não ao não” – cujo texto tenta passar uma mensagem de inovação, motivação e esperança mas, dado o contexto, parece conter nas entrelinhas um manifesto contra a ideia do governo de conceder apenas à Petrobras a primazia da exploração.

A mesma edição 25 (outubro/2008) contém a reportagem “O caseiro: de como todos os poderes da República – Executivo, Legislativo, Judiciário, polícia, imprensa, governo, oposição – moeram Francenildo dos Santos Costa” (p. 66-78). Ao longo de doze páginas, João Moreira Salles – que levou um ano para apurar os detalhes (p. 78) – descreve com minúcias todo o processo envolvendo o caseiro, os personagens envolvidos, e como tudo isso levou à queda do então Ministro da Fazenda Antonio Palocci e também comprometeu diretamente a vida do caseiro Francenildo. Salles não economiza os detalhes e apresenta festas, reuniões, encontros com advogados e policiais, transações bancárias, sessões de julgamento, para não deixar dúvidas da injustiça sofrida pelo caseiro.

“Vultos da República” é o nome de uma seção constante na revista, na qual são elaborados os perfis de nomes eminentes do cenário nacional, e de tanto destaque que já ganhou até compilação em livro<sup>80</sup>. Dentro dessa seção encontramos uma matéria sobre Sérgio Rosa na edição 35 (agosto/2009, p. 32-38), produzida por Consuelo Dieguez, e que explica como funcionava a Previ (serviço de previdência dos funcionários do Banco do Brasil). Era no período presidida por Rosa, e o texto desenha o órgão como um epicentro das relações entre membros do governo, empresários e sindicalistas.

Em meados de 2009 o cenário das eleições presidenciais já estava sendo montado, e a *piauí* o ajudou a compor com perfis dos principais candidatos à sucessão presidencial, e também dos vices. O de Dilma Rousseff foi o primeiro, veiculado em julho, mas esse é um texto que compõe o bloco do segundo capítulo. Ao momento cabe relatar que o perfil de José Serra (edição 37, outubro/2009) ocupou catorze páginas da revista, enquanto o de Dilma ganhou oito folhas – a diferença entre eles é o do candidato tucano foi entrecortado por cinco páginas inteiras de publicidade (dentre as quais uma do Governo Federal), enquanto o da possível sucessora do Lula continha apenas uma página de propaganda. Já Marina Silva ganhou um perfil de sete páginas na

---

<sup>80</sup> PINTO, 2014, p. 36. O livro em questão se chama “Vultos da República – os melhores perfis políticos da piauí”, e foi editado em 2010 pela editora Companhia das Letras.

edição 40 (janeiro/2010), onde também constam parágrafos sobre os atritos da ex-ministra com o Lula: “da parte do Governo, quem melhor resumiu o pensamento do presidente sobre o assunto foi seu chefe de gabinete (...). Segundo Gilberto Carvalho, o presidente ‘acha importante a preservação, mas, entre um cerradinho e a soja, ele é soja. O ambiente é uma questão importante, mas não é decisiva. O que é decisivo é a economia’” (p. 20)<sup>81</sup>.

Ainda no contexto das eleições, e encerrando essa subdivisão, realçamos mais dois artigos. Um deles está na edição 42 (março/2010), onde Consuelo Dieguez publica uma reportagem sobre como funcionam as pesquisas eleitorais, e como elas definem as estratégias dos candidatos (p. 20-24). Chega-se inclusive a discutir as possibilidades para as eleições que ocorreriam em outubro, de acordo com os analistas das principais instituições de pesquisa. A outra encontra-se no exemplar 45, de junho/2010, e perfila o então candidato a vice da chapa de Dilma Rousseff e do PT, Michel Temer (p. 30-36). Novamente a escriba é Consuelo Dieguez, que afirmava que “nem Lula nem Dilma queriam Temer. Consideram-no ardiloso e voraz em demasia quando reivindica posições para o partido, e uma nulidade em termos eleitorais” (p. 32). Porém, o nome era avalizado por outros dirigentes do partido: “perguntei ao deputado José Genoíno o que pensava da aliança do seu partido com o PMDB. ‘O PT aprendeu na porrada que sozinho não ganha eleição e não governa’, disse-me. ‘Precisamos de um aliado que tenha força e que ajude a dar estabilidade para o governo’. Genoíno elogiou Michel Temer. ‘Ele não é trator, não passa por cima’” (p. 35).

Consideramos, assim, que através desse processo de seleção e descrição de reportagens com viés político expostas nas páginas da *piauí*, ficamos próximos de outra conclusão de Tania Regina de Luca:

As considerações apontam, portanto, para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delinea uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente.<sup>82</sup>

Essa análise qualitativa serviu para mostrar que, dentre a miríade de conteúdos veiculados em suas páginas, a revista procura dar conta também do cenário político

---

<sup>81</sup> Vale uma nota o diálogo que um leitor, através da seção de cartas, teve com a revista: na edição 49 (outubro/2010) escreveu reclamando do fato de terem sido elaborados perfis apenas dos principais candidatos, deixando de fora nomes como Plínio de Arruda Sampaio.

<sup>82</sup> LUCA, 2010, p. 141.

nacional. No capítulo seguinte procuraremos ser mais específicos, portanto, e tentar perscrutar como *piauí* analisou e interpretou a experiência do Partido dos Trabalhadores na presidência – para então poder dizer se tomaram alguma posição ou não.

## 2. A *piauí* e o governo Lula

### 2.1.O contexto histórico do Brasil no início do século XXI

Com os textos selecionados, procuramos demonstrar como a revista *piauí* retratou o segundo mandato de Luiz Inácio da Silva na presidência, entre os anos de 2006 e 2010. Mas olhando para além das páginas da publicação, o que representou esse período?

Em 2006, Lula era eleito para um segundo governo e consolidava nas urnas um projeto político iniciado em 2003 – e inédito na história do Brasil, que nunca antes esteve sob a égide da esquerda no poder. Mesmo com todos os percalços da primeira administração (dentre os quais o de maior amplitude foi o escândalo conhecido como “mensalão”), a população brasileira lhe concedeu mais quatro anos para, na avaliação do historiador inglês Perry Anderson, realizar um mandato “muito mais confiante do que o primeiro”<sup>83</sup> – culminando com um índice de aprovação de 80% ao final de seu quadriênio como presidente.

Assim, foi possível dar sequência a programas como o Bolsa Família e a medidas como o Estatuto do Idoso, aumentos constantes do salário mínimo, incremento de investimentos em educação e abertura de novas linhas de crédito que, em conjunto, propiciaram o aumento do crescimento econômico e resultaram na “maior redução da pobreza na história brasileira”<sup>84</sup>. Ao mesmo tempo em que ocorria essa tentativa de diminuição da desigualdade, eram promovidas políticas que favoreciam os proprietários e os rentistas – notadamente as que resultaram no pagamento de títulos da dívida pública. Um exemplo foi a valorização da Bolsa de Valores de São Paulo, a que mais cresceu entre os anos de 2002 e 2010 em todo o mundo<sup>85</sup>. Ainda nessa linha de avaliação do governo Lula, vale destacar os novos rumos que tomou a política externa – através da aproximação com países fora da esfera de influência dos Estados Unidos (Cuba, Venezuela, Irã, por exemplo), mas sem entrar em rota de colisão direta com os propósitos estadunidenses<sup>86</sup>.

Nem só de pontos positivos, contudo, é (re)feita a trajetória de uma gestão. O episódio do “mensalão” (o pagamento sistemático feito por membros da aliança

---

<sup>83</sup> ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. *Novos Estudos*. Cebrap, 91, novembro 2011, p. 30.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 31.

governista a deputados e senadores para o governo ter seus projetos aprovados) foi o exemplo maior, no governo petista, da prática de corrupção que assola sistematicamente a história brasileira. Apesar de Anderson tratar a prática quase como um mal necessário<sup>87</sup>, as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling consideram que o governo do Partido dos Trabalhadores falhou na tentativa de “coibir com eficácia essa prática na vida pública nacional”<sup>88</sup>. Também podemos destacar como um aspecto mal resolvido a política de distribuição de terras e de moradias urbanas<sup>89</sup>.

A relação com a imprensa também esteve na pauta do estudioso britânico. Mesmo contando com o respaldo de veículos defensores do neoliberalismo, como a revista *Economist* ou o jornal *Financial Times*, o governo Lula sofreu com a perseguição de grande parte da imprensa brasileira, como os jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo* e a revista *Veja*. Apesar de ter trabalhado a favor dos empresários, o fato de ter elaborado políticas que aumentaram o nível de renda das camadas mais baixas fez com que a administração petista ganhasse a aura de responsável pela diminuição dos privilégios que são tão caros à elite do país. Tais veículos assumiram essa insatisfação e, numa tentativa de responder aos anseios dessa classe (a qual pode ser acrescentada a insatisfação pela perda de influência sobre a opinião pública), atuaram como ferrenhos opositores do presidente.

Nesse balanço dos meios de comunicação coube espaço para a *piuí*, considerada “a melhor publicação do país”<sup>90</sup>. Anderson discorreu sobre a história da revista, destacando o papel de seu primeiro diretor de redação, o jornalista Mario Sergio Conti (que exerceu a função até 2011). Profissional tarimbado, Conti já havia estado envolvido em um episódio de grande repercussão na imprensa do Brasil. Foi quando da publicação de uma reportagem na revista *Veja* que ajudou a derrubar o presidente Fernando Collor, no ano de 1992. Essa matéria serviu como base para a edição do livro “Notícias do Planalto”<sup>91</sup>, em cujas páginas havia um estudo detalhado de como a imprensa atuou desde a escolha até a derrubada de Collor da presidência. Anderson cita também algumas matérias específicas publicadas na *piuí*, e tais análises serão mencionadas mais adiante.

---

<sup>87</sup> Anderson, 2011, p. 25.

<sup>88</sup> SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2015, p. 504.

<sup>89</sup> Para uma discussão mais aprofundada, ver, dentre outros: ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares**. São Paulo: Boitempo, 2015.

<sup>90</sup> ANDERSON, 2011, p. 42.

<sup>91</sup> Publicado em 1999 também pela editora Companhia das Letras.

Existe, ainda, uma obra que junta a avaliação da imprensa com um relato da trajetória dos primeiros anos do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Trata-se do livro “Cartas a Lula”, do jornalista e escritor Bernardo Kucinski<sup>92</sup>. O autor, que atuou como assessor especial da Secretaria de Comunicação da Presidência da República entre os anos de 2003 e 2006, era responsável por fazer uma espécie de boletim informativo com resumos e opiniões das notícias que eram veiculadas sobre o governo. Através delas somos lembrados de acontecimentos do primeiro mandato, como os programas Fome Zero e Bolsa Família, a reforma da Previdência, as discussões para a transposição do rio São Francisco, os estudos para aumento do salário mínimo, dentre muitos outros. Apesar de ser um membro do alto escalão presidencial, Kucinski não se exime de criticar algumas escolhas administrativas da gestão Lula. Foi um ferrenho opositor, por exemplo, da insistência em manter a taxa de juros alta, quando o clamor era para a redução do índice<sup>93</sup>.

Em termos gerais, a avaliação dos anos de Lula como mandatário é positiva. Perry Anderson considera-o como “o político mais bem-sucedido de seu tempo”<sup>94</sup>. Schwarcz e Starling, por sua vez, consideram que “a partir de 2003, o Brasil assistiu a uma ampliação democrática da República [na qual] foram mantidas as práticas democráticas, e houve avanço na criação de políticas estruturantes e em escala para incorporação dos brasileiros à rede de proteção social”<sup>95</sup>. Afora os estudos historiográficos veremos, no decorrer desse capítulo, como a imprensa – ou, no nosso caso, um veículo específico – tentou interpretar esse período recente da história tupiniquim.

## 2.2.A história política

Antes de retomar os textos da *piauí* consideramos relevante fazer presente mais um ponto dos sugeridos por Tania Regina de Luca quando das aproximações entre história e periódicos. Para a autora, no atual estágio da escrita historiográfica duas correntes ganharam novos significados: a História do tempo presente e a História

---

<sup>92</sup> KUCINSKI, Bernardo. **Cartas a Lula**. O jornal particular do presidente e sua influência no governo do Brasil. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 115.

<sup>94</sup> ANDERSON, 2011, p. 23.

<sup>95</sup> SCHARCZ; STARLING, 2014, p. 503.

política<sup>96</sup>. O primeiro conceito, apesar de importante, será deixado para ser incorporado em futuras pesquisas. Já em relação ao segundo consideramos mais urgente despendar alguns parágrafos.

René Rémond, ao fazer um balanço da história política, mostrou como esta passou do estudo sobre Estados e nações para algo mais abrangente, ligado a “mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva (...) e da prática social”<sup>97</sup>. De início escamoteada pela renovação proposta pelos *Annales*, sob a acusação de ser um exemplo da “história factual” que tanto tentava se combater, essa proposta se valeu das novas funções que o Estado assumiu para recobrar sua importância. Portanto, “à medida que os poderes públicos eram levados a legislar, regulamentar, subvencionar, controlar a produção, a construção de moradias, a assistência social, a saúde pública, a difusão da cultura, esses setores passaram (...) para os domínios da história política”<sup>98</sup>.

Essa rearticulação colocou a história política em outro patamar dos estudos historiográficos, inclusive ganhando um novo fôlego justamente a partir da incorporação de um dos aspectos mais caros à “nova história” – a interdisciplinaridade: “de fato, a renovação da história política foi grandemente estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas”<sup>99</sup>. Dentre as quais podemos destacar a sociologia, cujas interligações com a história renderam discussões relevantes para as duas correntes<sup>100</sup>.

Os estudos de história política também levantaram questões que a aproximavam do jornalismo, cuja referência a partir de agora nos permite a reaproximação com nosso objeto de pesquisa. Jean-Noël Jeanneney elenca alguns pontos que precisam ser levados em conta ao nos debruçarmos sobre a relação entre história e imprensa, dentre eles as influências recíprocas entre o Estado e os grupos políticos e as empresas de comunicação – além de como essas relações afetam a opinião pública<sup>101</sup>. No caso da *piauí*, não encontramos indícios óbvios de influência política no desenvolvimento das pautas; a não ser que consideremos as cartas enviadas por políticos como formas de

---

<sup>96</sup> LUCA, 2010, p. 114.

<sup>97</sup> RÉMOND, Réne. Uma história presente. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 35-36.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>100</sup> Por exemplo, a entrevista de Pierre Bourdieu conduzida por Roger Chartier: BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autentica, 2015.

<sup>101</sup> JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND, Réne (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 213-230.

exercer pressão (vide a missiva de José Dirceu na edição 17, já mencionada, e uma carta enviada pelo próprio Lula na edição 98, de novembro/2014)<sup>102</sup>. Por outro lado, matérias veiculadas na revista tiveram repercussão nacional: vide os casos do perfil do ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (edição 58, julho/2011), e de um texto sobre o ex-ministro da Defesa Nelson Jobim (edição 59, agosto/2011), que resultou na saída dele do cargo<sup>103</sup>.

Outra possibilidade levantada por Jeanneney permite uma relação mais direta: “estudar, no tocante à imprensa escrita, o dinheiro mais ou menos oculto que a irriga. Todas as migalhas que pudermos arrancar do mistério da finança da imprensa são preciosas”<sup>104</sup>. Como já vimos, o “dono” da *piauí* é João Moreira Salles, herdeiro do banco Itaú e sócio da editora Companhia das Letras. A constante presença de publicidade dessas duas empresas nas páginas do periódico, além das já citadas trocas de influências (publicação de textos que viriam a sair em livros da editora, patrocínio de mesas em festivais literários), não deixam margens para dúvidas sobre a origem de muitos dos recursos para manutenção da revista. O próprio Salles admite que “pode haver, como em outros veículos, pressões externas para se publicar ou não sobre determinado assunto. Mas isso nunca no encaminhamento de uma pauta”<sup>105</sup>.

Jean-Pierre Rioux foi outro historiador que procurou investigar as particularidades do encontro da história política com a mídia. Propôs que os próprios grupos de comunicação se valorizaram com essa relação, e tentaram a partir da década de 1960 reverter em seus métodos uma das principais críticas dos historiadores – a do jornalismo ser apenas um relato “apressado” dos fatos. Surgiram, assim, veículos da imprensa preocupados em passar “no crivo do método e da duração”, e que provocaram “um encontro (...) frutífero entre historiadores sedentos de atualidade e jornalistas em busca de legitimidade histórica”<sup>106</sup>. A menção anterior à preocupação dos responsáveis pela *piauí* com a checagem dos fatos, a produção e publicação de textos analíticos e relevantes, além da qualidade dos textos, nos permite afirmar que a referida revista se adequa a essa nova realidade retratada por Rioux.

---

<sup>102</sup> A carta enviada pelo ex-presidente Luiz Inácio foi com críticas a respeito de uma reportagem de Daniela Pinheiro publicado na edição 97, de outubro/2014: “A afilhada rebelde – o estilo, as ideias, as decisões e a ambígua relação de Dilma com Lula”.

<sup>103</sup> PINTO, 2014, p. 191.

<sup>104</sup> JEANNENEY, 2003, p. 219.

<sup>105</sup> PINTO, 2014, p. 157.

<sup>106</sup> RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs.) **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999, p. 119-126.

Conseguimos, com isso, passar à parte final do trabalho – a análise das reportagens e artigos da revista *piauí* que tratam diretamente do presidente Lula e sua possível sucessora Dilma Rousseff.

### **2.3. *piauí* e a política nacional: o iconoclasta Francisco de Oliveira**

Damos início com dois textos de Francisco de Oliveira<sup>107</sup> que Perry Anderson definiu como “artigos iconoclastas”<sup>108</sup>. No primeiro deles, chamado “Hegemonia às avessas” (publicado na edição n. 4, de janeiro/2007), o sociólogo parte de conceitos do marxista italiano Antonio Gramsci para argumentar que o Brasil da era Lula seguiu um caminho similar ao da África do Sul pós-apartheid. No país africano, as classes dominadas superaram o sistema de segregação, alcançaram postos governamentais, e adotaram medidas que beneficiavam a população historicamente desfavorecida. Na esfera econômica, porém, ganharam força as políticas neoliberais, consolidando o que Oliveira considera ser a “hegemonia às avessas”: “enquanto as classes dominadas tomam a ‘direção moral’ da sociedade, a dominação burguesa se faz mais descarada (...); assim, a liquidação do *apartheid* mantém o mito da capacidade popular para vencer seu temível adversário, enquanto legitima a desenfreada exploração pelo capitalismo mais impiedoso” (p. 57).

Para o caso brasileiro, Oliveira toma como exemplo o programa Bolsa Família e o trata como sendo, na ótica governista, um problema apenas de administração pública. Com isso Lula tiraria do âmbito político a discussão sobre a iniquidade social. O programa, para o articulista, não sustenta a ideia de que através dele os extratos mais baixos da pirâmide social estejam se aproximando do poder. Ao contrário, apenas dá margem para novas modalidades de dominação: “não são mais os dominados quem consentem na sua própria exploração. São os dominantes – os capitalistas e o capital, explicita-se – que consentem em ser politicamente conduzidos pelos dominados, à condição de que a “direção moral” não questione a forma da exploração capitalista” (p. 57). Contudo, faz uma ressalva ao admitir que se tratava de uma ideia nova e carente de mais estudos.

O artigo contém ainda uma breve análise sobre a situação partidária após as eleições presidenciais de 2006. A disputa do primeiro turno, entre Lula e Geraldo

---

<sup>107</sup> Sociólogo, professor da USP, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores.

<sup>108</sup> ANDERSON, 2011, p. 39.

Alckmin, não teria consolidado uma cisão entre pobres e ricos. Caso isso fosse verdade, os 40% que votaram no candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) indicariam que o Brasil teria quase metade da população como sendo rica, o que está longe de ser verdade. O sufrágio teria consolidado ainda o distanciamento de Lula das bases do Partido dos Trabalhadores e da esquerda em geral, através da aproximação com o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e com figuras vetustas da política nacional, como Jader Barbalho e José Sarney.

A segunda contribuição de Francisco de Oliveira ocorre na edição 37 (outubro/2009) e tem o título de “O avesso do avesso”. Ocupa três páginas da revista (o anterior ocupava duas), e ganha atenção logo de início pela foto que o ilustra: uma sequência de seis retratos iguais de Lula empunhando a faixa presidencial, mas com diferentes tons de cores. Em termos interpretativos, o segundo artigo reitera que o Brasil sob a órbita do governo do Partido dos Trabalhadores viveu um processo de “hegemonia às avessas”, e propõe uma avaliação dos então sete anos de exercício da presidência à luz desse conceito.

O texto começa com o argumento de que é impossível governar o Brasil sem ser pelo “concurso do atraso”: “não apenas por razões parlamentares, mas porque a estrutura social que sustenta o sistema político é conservadora, e não avalizaria avanços programáticos mais radicais” (p. 60). A partir dele, é feito um panorama da trajetória do país, cujos processos históricos sempre representaram o atraso, e não o avanço: a abolição do regime escravocrata, a Proclamação da República, a Revolução de 1930, o golpe de Estado de 1964, o movimento pelas Diretas Já.

A eleição de Lula no início da atual centúria, na ótica do sociólogo, não ocasionou uma ruptura desse processo retrógrado. Pelo contrário, ao chegar ao poder o mandatário propôs medidas que “são o avesso do mandato de classes recebido nas urnas” (p. 60). A principal justificativa para ratificar que se trata de mais um exemplo de atraso é econômica: o alardeado crescimento partiria de exportações agrícolas, e não de avanços industriais – um sinal de que não ocorre avanço na economia. Até mesmo os índices que sustentam o discurso oficial de crescimento são questionados por Oliveira, ao utilizar uma metodologia (diferente da do governo) cujos resultados mostram haver aumento, e não diminuição, da desigualdade social – apesar de reconhecer que, em termos absolutos, houve redução da pobreza.

No que diz respeito à política, o principal problema seria a administração das políticas sociais. Para o autor, “do ponto de vista da política, o avesso do avesso é sua

negação” (p. 62). Com isso entendemos que de nada adianta vangloriar-se das políticas adotadas quando elas mascaram uma situação que permite o avanço do projeto neoliberal iniciado por Fernando Collor no início dos anos 1990 e levado às últimas consequências por Fernando Henrique Cardoso durante seu período como presidente (1995-2002). Se isso não fosse suficiente, e este parece ser o ponto central da crítica de Francisco de Oliveira, os anos Lula em nada contribuíram para a reversão do ciclo de atraso e para a diminuição das diferenças entre as classes sociais. O veredito da análise é forte:

Ora, o governo Lula, na senda aberta por Collor e alargada por Fernando Henrique, só faz aumentar a autonomia do capital, retirando às classes trabalhadores e à política qualquer possibilidade de diminuir a desigualdade social e aumentar a participação democrática. [...] O avesso do avesso da ‘hegemonia às avessas’ é a face, agora inteiramente visível, de alguém que vestiu a roupa às pressas e não percebeu que saiu à rua do avesso. [...] O lulismo é uma regressão política, a vanguarda do atraso e o atraso da vanguarda (p. 62).

Posteriormente, os dois textos de Francisco de Oliveira foram publicados no livro “Hegemonia às avessas”, da editora Boitempo. Trata-se de uma compilação de estudos sobre o Brasil e a África do Sul que foram produzidos na esteira da repercussão do conceito proposto pelo sociólogo. Na apresentação da obra, Ruy Braga resume a ideia de Oliveira como “um curioso fenômeno em que parte ‘dos de baixo’ dirige o Estado por intermédio do programa ‘dos de cima’, [no qual as] vitórias políticas, intelectuais e morais ‘dos de baixo’ fortalecem dialeticamente as relações sociais de exploração em benefício ‘dos de cima’”<sup>109</sup>.

Em seguida, Braga ameniza a crítica de Oliveira, ao argumentar que mesmo incorporando os interesses do mercado financeiro, o governo Lula conseguiu atender “determinadas demandas represadas dos movimentos sociais”<sup>110</sup> – deixando com isso de ser um governo totalmente voltado aos preceitos neoliberais. Seria mais adequado enquadrá-lo como um exemplo de governo que propôs a chamada “modernização conservadora”, onde o avanço acontece, mas nutrido “permanentemente do atraso”<sup>111</sup>. Afinal, uma popularidade como a alcançada por Lula no final de seu ciclo não permitiria desenhá-lo apenas como um presidente que insistiu no regresso político.

---

<sup>109</sup> BRAGA, Ruy. Apresentação. In: OLIVEIRA, Francisco de; BRAGA, Ruy; RIZEK, Cibele (Orgs.). **Hegemonia às avessas**. Economia, política e cultura na era da servidão financeira. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 7-14.

<sup>110</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>111</sup> *Ibidem*, p. 11.

Quem também se deteve sobre as ideias de Oliveira foi o historiador Perry Anderson, ao encaixá-lo numa tríade interpretativa dos anos do PT na presidência. Para o britânico, a primeira dessas interpretações partiu de Fernando Henrique Cardoso e seus seguidores, que consideram Lula como sendo apenas mais um “populista demagógico” que “encarna as tradições mais retrógradas do continente”, assim como foram Getúlio Vargas no Brasil e Juan Domingo Perón na Argentina<sup>112</sup>. A segunda provém de Andre Singer, quando compara Lula com o norte-americano Franklin Delano Roosevelt – tal aproximação será analisada na próxima parte desse trabalho.

Por fim, Anderson cita a proposta de Francisco de Oliveira. Começa, porém, com o estudo de 2003 do mesmo autor<sup>113</sup>, no qual distingue o surgimento de “uma camada social híbrida” – que apareceu à medida em que sindicalistas e outros militantes do Partido dos Trabalhadores foram alocados na gestão de fundos de pensão e demais esferas do poder, aos quais muitas vezes se viram chafurdados em escândalos de corrupção. Esse seria um aspecto importante da administração petista que Oliveira não deixou passar, pois possibilitou a Lula exercer a então denominada “hegemonia às avessas”. Anderson, contudo, vai na mesma linha de Ruy Braga e ameniza a imagem que Oliveira traçou do governo lulista. Que, acrescenta, não teria causado muitas reações nas hostes do partido. Afinal, “Oliveira é tão querido e respeitado pessoalmente, que ninguém – salvo Delúbio [Soares, ex-tesoureiro do PT] e Dirceu, que o processaram por difamação (...) – quer entrar em disputas com ele”<sup>114</sup>.

#### **2.4. *piauí* e a política nacional: os sentidos de André Singer**

Nas páginas da revista *piauí* lemos outra análise contundente e de grande repercussão sobre os anos de Luiz Inácio da Silva como presidente. Trata-se do artigo “O lulismo e seu futuro”, publicado na edição 49 em outubro de 2010 – mês das eleições presidenciais e de comemoração dos quatro anos da publicação (como destacado na capa e no sumário). O autor, André Singer, é cientista social e jornalista, e atuou como porta-voz e secretário de Imprensa da Presidência da República entre 2003 e 2007. O texto ocupa cinco páginas do periódico, faz parte da seção (esporádica)

---

<sup>112</sup> ANDERSON, 2011, p. 32.

<sup>113</sup> Para mais detalhes ver: OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

<sup>114</sup> ANDERSON, 2011, p. 41.

“tribuna livre da luta de classes”, e é ornamentado com um desenho que mostra os rostos de Franklin Roosevelt e Lula sendo saudados por uma multidão.

Singer abre sua argumentação com a comparação entre o período Lula e o ciclo em que Franklin Delano Roosevelt esteve no comando do poder político dos Estados Unidos (entre 1933 e 1945). Foi naqueles anos que se desenvolveu o chamado “New Deal”, uma série de medidas cujo objetivo era recuperar o país da crise financeira de 1929, através da redução da pobreza e aumento da igualdade entre os cidadãos. No Brasil, o programa Bolsa Família representava um exemplo de política de bem-estar social semelhante àquelas implementadas por Roosevelt, através da qual se consolidaria um ciclo progressista que não seria interrompido mesmo com possíveis alterações de partidos no poder. Bastava analisar as propostas dos principais candidatos à presidência em 2010 (Dilma Rousseff, José Serra, Marina Silva, Plínio de Arruda Sampaio): todos defendiam a continuação do programa aprimorado durante os anos de Lula no governo. Com isso, defendia que “as eleições brasileiras de 2002 e 2006 poderão ser vistas, no futuro, como o início de um longo ciclo político, semelhante ao que aconteceu com as vitórias de Roosevelt em 1932 e 1936”. Outra possibilidade de aproximação podia ser vista na “troca de apoio [que] decorreu da política levada a cabo no primeiro mandato: a classe média se afastou do presidente, mas eleitores pobres tomaram seu lugar” (p. 62).

O artigo continua com uma análise mais econômica, e aqui Singer se aproxima de algo que também havia sido articulado por Francisco de Oliveira: a constatação de que, apesar da diminuição da pobreza em termos absolutos, a desigualdade de renda ganhou contornos maiores no período de 2003 a 2010. Isso seria reflexo das medidas neoliberais adotadas, que favorecerem, por exemplo, os que viviam de rendas da dívida pública. Mas, na contramão de Oliveira, o ex-membro da equipe do governo defendia que a adoção de “mecanismos de uma plataforma desenvolvimentista” permitia sonhar com condições maiores de igualdade nos próximos mandatos presidenciais (p. 64). Curioso notar que ao citar dados oriundos do pesquisador Ilan Goldfajn, Singer ressalta se tratar do “economista-chefe do Itaú/Unibanco”. O fato do banco ser propriedade da família de João Moreira Salles talvez explique o motivo dessa constatação, quando os outros estudiosos citados não tiveram o reconhecimento de suas origens.

Nessa retrospectiva econômica dos anos Lula são citados como fatores de destaque também o aumento constante do valor do salário mínimo, o lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e do Minha Casa, Minha Vida, o fortalecimento dos bancos e empresas estatais – medidas que em seu conjunto

permitiram ao país sair quase ileso da crise econômica mundial iniciada em 2008. Também “consolidaram uma popularidade inédita desde a redemocratização” e permitiram “a alavancagem da candidatura de Dilma Rousseff” (p. 65).

Segue-se com as perspectivas para uma possível vitória petista nas eleições que viriam a ocorrer. Para Singer, o principal desafio de Dilma seria manter as políticas econômicas para diminuir o desemprego, consolidar o processo de diminuição da pobreza e tentar avançar no alcance de uma sociedade mais igualitária – preceitos que originavam na “Carta ao povo brasileiro”, documento divulgado por Lula ainda antes da sua primeira vitória nas urnas. Seria preciso também continuar investido no modelo de política externa adotado por Lula, cujo principal destaque foi diminuir a influência dos Estados Unidos e aumentar as negociações com países emergentes e com os vizinhos sul-americanos. Adverte, no entanto, para medidas caras à tradição petista que foram deixadas de lado na campanha para satisfazer o “caráter pluriclassista da candidatura”, e que dificultariam esse processo do “sonho rooseveltiano” – como a redução da jornada de trabalho e uma reforma tributária progressista.

Esse é o tom, por fim, do encerramento do texto. O articulista alerta para o caráter historicamente conservador da sociedade brasileira, cujas forças poderiam trabalhar contra o aumento do investimento público necessário num processo de redução do abismo social. Realça o papel que a “classe média tradicional” poderia assumir numa conjuntura que os permitisse impedir políticas de avanço. No que diz respeito aos partidos políticos, sugeria um possível distanciamento entre os interesses do PT e do PMDB. Mas terminava de forma otimista: “se a minha hipótese estiver correta, durante um tempo longo o norte da sociedade será dado pelo anseio histórico de reduzir a pobreza e a desigualdade no Brasil. Em que grau e velocidade, a luta de classes dirá” (p. 66).

Tal qual os textos de Francisco de Oliveira, a contribuição de André Singer para a *piauí* foi posteriormente publicada em livro. Só que com uma diferença fundamental: enquanto os artigos do primeiro foram simplesmente reproduzidos sem modificações no meio de outras análises – o que nos deu margem para fazer uma crítica externa ao que foi veiculado na revista – o escrito de Singer foi inteiramente revisado e sofreu um considerável acréscimo, transformando-se no terceiro capítulo do livro “Os sentidos do lulismo”. Ultrapassaria os limites desse trabalho de conclusão o estudo da referida obra, e nos distanciaria do objeto de estudo que é a revista *piauí*. Podemos, por ora, tecer dois breves comentários.

O primeiro refere-se à data de publicação do livro, ocorrida em 2012. Já sob o mandato da presidenta Dilma Rousseff, André Singer pôde considerar esse fator ao rever o artigo publicado em 2010. E na versão que saiu no livro verificamos uma *mea culpa* do autor, ao confessar não ter estudado com a devida profundidade as peculiaridades das épocas de Roosevelt e Lula antes de considerá-los tão próximos. Essa percepção surgiu, confessa Singer, após Mario Sergio Conti alertá-lo da distância entre os dois líderes<sup>115</sup>; Conti, como já vimos, era o editor da *piauí* à época em que o artigo foi veiculado.

Terminamos essa parte com a contribuição de Perry Anderson, que em seu já citado artigo considerou a ideia de André Singer da aproximação entre Roosevelt e Lula uma das três tentativas de interpretação desse capítulo da história recente do país. O britânico considera a análise de Singer “muito mais favorável” que a de Francisco de Oliveira<sup>116</sup>, não causando maiores comoções entre os petistas. Mas ressalta que há muito mais diferenças do que similitudes no percurso do estadunidense e do brasileiro:

As reformas sociais de Roosevelt foram introduzidas sob pressão de baixo para cima, em uma onda explosiva de greves e sindicalização. A força de trabalho organizada se tornou uma força formidável de 1934 em diante, que ele só podia controlar na medida em que a cortjava. Uma tal militância nunca sustentou ou desafiou Lula – as tentativas dos sem-terra nesse sentido foram muito débeis, e o MST foi facilmente marginalizado por ele. [...] Diferindo em sua sorte, eles diferem completamente também em estilo: o aristocrata que se regozijou com o ódio de seus inimigos e o operário que não queria nada dificilmente poderiam formar um contraste mais acentuado<sup>117</sup>.

## **2.5. *piauí* e a política nacional: o pemedebismo de Marcos Nobre**

O último artigo interpretativo sobre o governo Lula publicado na *piauí* a ser descrito nessa monografia também contribui para a crítica à proposta de Andre Singer. Nos referimos ao ensaio “O fim da polarização”, do filósofo Marcos Nobre e constante da edição 51, de dezembro de 2010. Adornado por uma figura de chapéu numa disputa de cabo-de-força com sua própria sombra, ocupa cinco folhas da revista e propõe uma interpretação diferente das citadas por Perry Anderson para a história recente brasileira.

---

<sup>115</sup> SINGER, 2012, p. 126.

<sup>116</sup> ANDERSON, 2011, p. 41.

<sup>117</sup> Ibidem, p. 35-36.

O ponto de partida é a crítica aos estudos de Singer – tanto o analisado anteriormente quanto outro, mais antigo, onde desenvolve o conceito de “lulismo”<sup>118</sup>. Nobre afirma ser “deslocado” o paralelo entre Roosevelt e Lula, por considerar o contexto histórico em que surgiu o New Deal bastante diferente do Brasil contemporâneo – os Estados Unidos viviam sob o trauma da “maior catástrofe econômica da história do capitalismo em tempos de paz”. E conjectura que a associação proposta pelo intelectual petista “nem de longe pode ser considerada como uma operação inofensiva” (p. 70). Não apresenta, porém, argumentos para explicar melhor essa suposição. Mas faz outra objeção, que serve de gancho para analisar a história político-partidária brasileira desde os anos 1980 e que permitirá entender o conceito de “pemedebismo”: “está ausente [na ideia de Andre Singer] a referência à democracia e a uma cultura política democrática – tanto no caso dos Estados Unidos como no caso do Brasil”. Isso diminuiria a análise e refutaria “qualquer aproximação ou comparação entre situações sociais e históricas distintas” (p 70).

Em resumo, o “pemedebismo” seria “um modo de fazer política que (...) pretende, no limite, engolir e administrar todos os interesses e ideias presentes na sociedade” (p. 71). Surgiu na década de 1980 no contexto da redemocratização e por meio da pressão do movimento “Diretas Já”. Precisava dar um jeito de incorporar todos os anseios da época, que seriam consolidados na constituição de 1988 – um resultado dessa política “pemedebista”. O termo provém do PMDB, partido que procurou ser a base de todos aqueles que não se alinhavam a posições extremas seja da esquerda ou da direita. Numa explicação confusa, contudo, Nobre afirma que “a pemedebização não tem a ver apenas com o crescimento ou a eventual hegemonia de um partido dentro de um governo, tem a ver com uma lógica” (p. 71). O certo é que apesar dessa ressalva foi o partido que deu origem ao conceito quem consolidou esse caráter “centrista” da política nacional.

No que diz respeito ao Partido dos Trabalhadores, o filósofo acredita que este só conseguiu desenvolver o governo sem maiores percalços depois que incorporou a seu quadro de partidos aliados o PMDB. Isso diminui a oposição (representada pelo PSDB) e fomentou o centrismo, fazendo com que “a eleição de 2010 [ficasse] entre o chocho e o abstruso, sem nada de realmente relevante entre as duas coisas” (p. 73). Tal condição aumentou o poder dos pemedebistas (aqui no caso o partido), levando o autor a

---

<sup>118</sup> SINGER, Andre. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. *Novos estudos*. Cebrap, 85, nov. 2009, p. 83-102.

vislumbrar futuras dissonâncias entre os dois partidos. Aqui é citado novamente o ensaio de André Singer na *piauí*, mas sem concluir a crítica levantada inicialmente (da incongruência na comparação entre Roosevelt e Lula); Nobre diz apenas concordar com Singer quanto ao objetivo futuro de qualquer governante brasileiro em ter como meta prioritária o combate à pobreza e à desigualdade.

À título de encerramento, mencionamos que as ideias de Marcos Nobre sobre o “pemedebismo”, assim como suas discordâncias com os estudos de André Singer, foram aprofundadas e compiladas no livro “Imobilismo em movimento”, editado no ano de 2013<sup>119</sup>.

## **2.6. *piauí* e a política nacional: a candidata Dilma Rousseff**

Precisamos ainda dar conta de três textos publicados na *piauí* entre os anos de 2006 e 2010. A insistência na análise das revistas vai de acordo com outro preceito de Tania Regina de Luca, quando diz que “somente o trato direto com o corpo documental, a atenção à historicidade e aos sentidos adquiridos em contextos específicos (...) esclarece a respeito do lugar que [os periódicos] ocuparam em dado período histórico”<sup>120</sup>. No nosso caso, o recorte temporal englobava também os preparativos para as eleições presidenciais de 2010, o que nos levou a incluir duas reportagens sobre Dilma Rousseff, que à época era a candidata do Partido dos Trabalhadores à sucessão de Luiz Inácio da Silva.

A primeira delas é uma investigação feita pelo jornalista Luiz Maklouf Carvalho sobre a atuação de Dilma na época da ditadura militar. Publicada em abril/2009 (edição 31), tem como título “A formação política e sentimental de Dilma Rousseff”, e ocupa oito páginas da revista. A primeira folha contém a reprodução na íntegra de uma ficha criminal do ano de 1970, quando foi indiciada pela polícia do estado de São Paulo. Na seguinte, vemos a foto de Dilma no álbum do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DOPS), onde constava o registro de “terroristas e subversivos” (p. 22-23).

O texto aborda exclusivamente o período entre os anos de 1960 e 1970, quando Dilma conheceu e participou de movimentos clandestinos, sua atuação na luta armada, os episódios em que se envolveu, as amizades e relacionamentos, e outros aspectos

---

<sup>119</sup> NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento**. Da abertura democrática ao governo Dilma. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

<sup>120</sup> LUCA, 2011, p. 5

biográficos – até a prisão decorrente das ações de resistência, em 1970. O jornalista transcreve trechos de inquéritos abertos contra ela, nos quais constavam caracterizações como “antiga militante de esquemas subversivo-terroristas, um dos cérebros dos esquemas revolucionários postos em prática pelas esquerdas radicais, pessoa de dotação intelectual bastante apreciável, Joana D’Arc da subversão, figura feminina de expressão tristemente notável” (p. 27).

Três edições depois, no exemplar de número 34 (julho/2009), *piauí* deu destaque (na seção “vultos da República”) à reportagem “Mares nunca dantes navegados”. Novamente escrito por Luiz Maklouf Carvalho, o texto condensava em oito páginas a trajetória de Dilma Rousseff após ter saído da prisão em São Paulo, no ano de 1972. Começa com a descrição da disfunção na tireoide, doença adquirida nos anos de reclusão e que acarretou no câncer linfático tratado em 2009. Na sequência, trata de aspectos mais pessoais, como o casamento, o nascimento da filha, o divórcio, e até a desnecessária polêmica se havia ou não concluído um curso de pós-graduação. Menciona o interesse pela literatura, chegando a citar um dos romances que lia à época da reportagem (“O Mar”, de John Banville, cujo enredo continha uma personagem diagnosticada com câncer). Para finalmente adentrar no currículo profissional e político.

Depois da prisão, Dilma fez parte de um grupo de estudos voltados para textos de marxismo e política econômica. Do qual fazia parte Carlos Araújo, seu ex-marido e interessado nas discussões sobre o trabalhismo. O casal ajudou na consolidação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), e isso aproximou Dilma de Leonel Brizola, então um dos responsáveis pela reconstrução do antigo Partido Trabalhista Brasileiro. Foi assim que a futura presidente iniciou seu percurso na vida política. Primeiro como assessora do PDT na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (onde residia desde que saiu da prisão), depois como secretária municipal da Fazenda de Porto Alegre, e diretora-geral da Câmara Municipal. Nessa altura (final da década de 1980) O PT já estava no governo gaúcho, e uma aliança com o PDT aproximou Dilma da legenda petista – após assumir a Secretaria de Energia estadual.

A saída do partido que a levou para o ofício público ocorreu em 2000, depois de um racha na definição dos nomes para as eleições municipais. O Partido dos Trabalhadores foi o caminho natural, e foi nesse contexto que os líderes nacionais da legenda tomaram conhecimento de Dilma Rousseff. Sua boa desenvoltura numa crise energética ocorrida no estado do sul chamou a atenção de Lula, que desde antes de vencer a eleição nacional de 2002, já tinha em mente o nome de Dilma para atuar como

ministra de Minas e Energia. Maklouf afirma que Lula sabia, por exemplo, “de sua concordância com a ‘Carta aos Brasileiros’, o documento de campanha que simbolizava a mudança do PT” (p. 30).

Mais uma vez a boa atuação, dessa vez como ministra nacional, colocou Dilma no radar de Lula para voos mais altos. Como os nomes diretos da linha sucessória tiveram a imagem comprometida por causa de escândalos políticos (José Dirceu por causa do chamado mensalão e Antonio Palocci devido à polêmica com o caseiro Francenildo), o então presidente a nomeou para o cargo de ministra-chefe da Casa Civil, função que exerceu entre os anos de 2005 e 2010. Isso aproximou mais ainda Dilma e Lula. A postura de destaque quando da descoberta do pré-sal, somada à dificuldade em escolher um nome mais favorável para a linha sucessória, fez com que Dilma fosse escolhida como candidata à presidência ainda em 2009 – numa decisão que, até a publicação da reportagem, ainda não estava oficializada pelo partido. Contudo, o jornalista afirma que todas as pessoas do alto escalão consultadas para a matéria já davam como certa a candidatura (p. 33).

O benefício da visão retrospectiva nos permite escrever que sim, Dilma Rousseff foi a candidata do PT e venceu as eleições presidências de 2010, tendo inclusive sido democraticamente reeleita em 2014. A história continua em movimento, mas o período escolhido para essa monografia nos faz ter que encerrar apenas com a descrição do material encontrado nas cinquenta e uma edições da *piauí* analisadas. A revista continuou publicando análises políticas nos números subsequentes, inclusive de nomes como os já estudados André Singer e Marcos Nobre. Mas isso fica como possibilidade para futuras pesquisas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mais atentos certamente notaram que faltou a descrição de uma matéria para encerrar o bloco selecionado para o segundo capítulo. Tal lapso foi proposital, pois o conteúdo da reportagem nos ajuda a explicar melhor o que concluímos com a escrita desse trabalho.

Em janeiro de 2009, na edição 28, *piauí* publicou uma pequena entrevista com o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Conduzida pelo próprio diretor de redação Mario Sergio Conti, apresentava em três páginas (sendo que a primeira continha uma foto de Lula refletida num espelho) a opinião do governante sobre a própria imprensa brasileira. O título era sugestivo – “Azia, ou o dia da caça” –, e dava uma ideia do que representava para Lula a cobertura da mídia sobre sua atuação.

O texto começa com o relato de como funciona a Secretaria de Comunicação do governo e dá destaque ao papel exercido por Clara Ant, que possuía, dentre outras atribuições, a função de pesquisar e sistematizar informações que serão proferidas pelo presidente em suas entrevistas e discursos. Essa atividade passou a ser importante principalmente no segundo mandato, quando Lula, “arrependido de não ter falado mais à imprensa” nos primeiros anos (p. 19), dedicou muito mais tempo à entrevistas e conversas com jornalistas. Precisamos mencionar aqui que em nenhum momento da reportagem foi feita referência à Bernardo Kucinski e ao papel bastante parecido que exercia com suas compilações de notícias.

Como escreveu Luís Felipe Miguel num texto recente, “os grandes provedores de informação têm uma influência gigantesca na produção da chamada ‘opinião pública’ e, por isso, são ativos valiosíssimos para quem almeja alcançar o poder”<sup>121</sup>. Isso fica claro quando Conti descreve os critérios para a escolha dos veículos que poderiam entrevistar o presidente: “a escolha é feita com base no tempo disponível do presidente, das suas viagens, da repercussão do órgão e, é claro, em critérios políticos” (p. 20). Existiam publicações com as quais Lula se recusava a falar, mas não foram reveladas quais – na entrevista, porém, confessa sua má vontade com a revista *Veja*.

A fala do ex-presidente ocupa apenas uma página da reportagem, na qual apresenta sua opinião sobre o que a imprensa representa e a respeito de alguns veículos e jornalistas específicos. Acredita que “a imprensa brasileira tem um comportamento

---

<sup>121</sup> MIGUEL, Luís Felipe. História e política, cultura e mídia. In: LOHN, Reinaldo Lindolfo (Org.). **História nas bancas de revistas**. Ponta Grossa: Todopalavra, 2016, p. 7.

histórico” em relação a ele, de sempre ter dificultado suas aspirações políticas. Não esconde, por exemplo, seu ressentimento com a rede Globo e com Ali Kamel, seu editor-executivo. Admite que não acompanha jornais, revistas, blogs e redes televisivas, nem tanto por falta de tempo, mas porque tem problemas de azia e “o jornalismo lhe faz mal ao fígado” (p. 20). Ressalta a importância da TV Pública, órgão criado no seu governo para “informar e promover debates sobre temas que a televisão privada não tem interesse”. Tece, por fim, comentários sobre jornalistas que admira (Elio Gaspari, Clóvis Rossi, Janio de Freitas, Luis Nassif, Paulo Henrique Amorim) e sobre os que não nutre tanta simpatia (Merval Pereira, Diogo Mainardi).

Cabe um último comentário sobre a reportagem. Mario Sergio Conti explica que a equipe de Clara Ant também possuía a tarefa de elaborar pequenas fichas sobre os veículos que entrevistariam o presidente, contendo informações como linha política, número de leitores, matérias recentes sobre o governo, e outras. O jornalista relata que, durante a entrevista com o ex-presidente, pediu para ter acesso a ficha sobre a *piauí*. Lula teria feito menção de mostrar, mas seus assessores presentes no momento o impediram. Dias depois, contudo, Conti teve acesso ao conteúdo, que descrevia “a linha política da revista como ‘desencantada’: cética em relação ao alcance do progresso ocorrido no passado recente e descrente da política” (p. 20).

É uma possibilidade de interpretação plausível e condizente, por exemplo, com o material encontrado na primeira edição publicada – o texto que acompanhava o portfólio fotográfico de Orlando Brito, já citado nesse trabalho, dava sinais de desesperança com o cenário político. Contudo, a averiguação sistemática das edições veiculadas ao longo de quatro anos nos faz ter outra opinião. A revista *piauí*, ao nosso ver, adota uma postura progressista, no sentido conferido ao dicionário para esse termo: “a favor do progresso, de reformas sociais, que se simpatiza com o pensamento socialista ou marxista, embora não pertença a esses partidos”<sup>122</sup>.

Apesar de, nas reportagens, sempre ter procurado retratar os dois lados que estavam em uma disputa – o contexto pré-eleições de 2010, por exemplo, no qual deu voz aos principais candidatos, e mais recentemente, ao apresentar o perfil de figuras como Jair Bolsonaro (edição 120, de setembro/2016) – os textos analíticos eram geralmente escritos por autores com tendências progressistas. O filósofo Slavoj Žižek, teve cinco ensaios editados ao longo da existência do periódico (edições 34, 40, 50, 84 e

---

<sup>122</sup> DICIO – Dicionário Online de Português. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/progressista/>>. Acesso em 11 nov. 2016.

93), e não encontramos nenhum articulista que pudesse ser classificado como conservador com a mesma quantidade de publicações. Na edição comemorativa de dez anos (número 121, de outubro/2016), o destaque é um artigo de doze páginas do filósofo Ruy Fausto com um balanço histórico da esquerda no Brasil e possíveis perspectivas para essa corrente ideológica. No âmbito dessa monografia, o fato dos principais ensaios interpretativos sobre o período em que Lula esteve na presidência terem sido escritos por figuras notoriamente de esquerda como Francisco de Oliveira e André Singer corrobora nossa hipótese.

O principal exemplo, entretanto, consideramos ser o artigo do André Singer veiculado na edição de número 49, em outubro de 2010. Só o fato de conter uma interpretação muito mais favorável do que contrária ao governo que então se encerrava já seria suficiente para nos fazer acreditar que os responsáveis editoriais da *piuí* consideraram positiva a experiência de Lula e do Partido dos Trabalhadores na presidência. Ter sido veiculada no mês em que ocorreriam as eleições presidenciais, porém, com a possibilidade do conteúdo influenciar os que votariam no primeiro ou num eventual segundo turno, permite quase ter a certeza de que seus editores torciam pela continuidade; e que, de certa forma, procuraram influenciar a opinião pública (ao menos a parcela de leitores da revista) a eleger outro representante da corrente que governara o Brasil nos últimos anos.

Não consideramos contraditório o fato de um representante da elite brasileira como João Moreira Salles concordar em difundir nas páginas da revista que fundou uma posição considerada de esquerda. Ter dirigido o documentário “Entreatos”, em 2002, com o retrato dos bastidores da campanha eleitoral de Luiz Inácio Lula da Silva<sup>123</sup>, já permitia ver em Salles uma figura com ideias no mínimo progressistas. No mais, René Rémond já procurara demonstrar, através de seus estudos sobre história política, “que não havia correlação entre as posições de indivíduos na sociedade, seu estatuto sócio-profissional e suas escolhas políticas, suas convicções religiosas. Se há correlação, seria antes com as tradições de cultura, educação, do que com fatores sócio-econômicos”<sup>124</sup>.

Tania Regina de Luca já nos alertava para o “importante papel desempenhado pelos periódicos como polos aglutinadores de ideias”<sup>125</sup>. Em termos metodológicos, traduzia isso como “a necessidade de olhar com atenção para os responsáveis e

---

<sup>123</sup> PINTO, 2014, p. 29.

<sup>124</sup> RÉMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999, p. 57.

<sup>125</sup> LUCA, 2011, p. 6.

colaboradores mais assíduos, pois, na maioria das vezes, revistas e jornais constituem-se em projetos coletivos”<sup>126</sup>. No caso da *piauí*, esse aspecto se sobressai ao constatarmos que, além do corpo fixo de jornalistas, a revista frequentemente publicava material produzido por colaboradores externos como escritores, sociólogos, historiadores e outros. Entendemos isso de duas formas: a preocupação auto imposta de ser “bem escrita”, ao invés de “homogênea”<sup>127</sup>; e talvez (aqui admitimos tratar-se de uma especulação nossa, baseada no que Rioux apresentou como sendo umas das preocupações dos veículos jornalísticos contemporâneos) se aproximar mais de “um produto histórico” do que meramente um veículo informativo e de entretenimento<sup>128</sup>.

Os estudos que utilizam fontes periódicas continuam, e o recente livro organizado por Reinaldo Lindolfo Lohn comprova isso<sup>129</sup>. Ainda não encontramos nenhum trabalho historiográfico contendo a revista *piauí* como fonte e objeto, e essa monografia é uma pequena tentativa de reverter esse quadro. Claro que o fato de ser uma publicação bastante recente contribui para essa ausência. Porém, possibilidades de problemática não faltam. A *piauí*, que recém completou dez anos de circulação, continua produzindo material de qualidade e relevância, e a problemática desenvolvida nessas páginas pode e deve ser ampliada para dar conta de edições mais recentes e de análises mais aprofundadas.

Alguém poderia se debruçar, por exemplo, sobre como a revista trabalhou a candidatura de Marina Silva nas eleições presidenciais de 2014 (vide que uma de suas principais apoiadoras era Neca Setubal, acionista do banco Itaú – que, já sabemos, é uma das fontes de renda do João Moreira Salles). Uma análise sobre as capas também poderia ser significativa: será que a revista sofreu algum processo, ou conta com proteção jurídica, por causa das constantes e cada vez mais provocativas referências políticas que vem trazendo? Como vemos, são muitas as possibilidades de estudo.

Assim como serão precisos muitos mais estudos sobre a trajetória recente da política brasileira, afinal “a história dos governos de Fernando Henrique Cardoso e de Lula ainda está se fazendo e um novíssimo período da vida do país está sendo aberto”<sup>130</sup>. Os últimos meses estão sendo confusos, e isso ajuda a comprovar a tese de Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, de que na história do Brasil os projetos progressistas

---

<sup>126</sup> LUCA, 2011, p. 2.

<sup>127</sup> PINTO, 2011, p. 157.

<sup>128</sup> RIOUX, 1999, p. 123.

<sup>129</sup> LOHN (Org.), 2016, Op. Cit.

<sup>130</sup> SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, 2015, p. 20.

para “construção da cidadania (...) não poucas vezes vinham seguidos de reveses políticos e sociais, os quais começavam a desenhar um projeto de cidadania inconclusa, uma república de valores falhados”<sup>131</sup>. Os números mais recentes mostram que a *piauí* está em dia com os acontecimentos (na edição de novembro/2016 consta uma reportagem sobre Janaina Paschoal, uma das articuladoras do impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff), ao mesmo tempo que já estão sendo lançados livros tentando dar conta desse processo histórico recente<sup>132</sup>.

Até mesmo na literatura vislumbramos tentativas de compreender o período. Como no romance “O marechal de costas”, onde José Luiz Passos procura explicar o Brasil contemporâneo por meio de figuras aparentemente tão distantes quanto o antigo presidente Floriano Peixoto e uma empregada doméstica dos dias atuais que acompanha o ocaso de Dilma Rousseff e do governo do PT<sup>133</sup>. Cabe às pesquisadoras e aos pesquisadores interessadas nas articulações entre história e periódicos (e por que não literatura) construir mais estudos a respeito. O pinguim totêmico continua presente aqui na mesa, como para nos lembrar dessa necessidade.

---

<sup>131</sup> SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, 2015, p. 13-14.

<sup>132</sup> Vide, por exemplo, SINGER, André; LOUREIRO, Isabel (Orgs.). **As contradições do lulismo**. A que ponto chegamos? São Paulo: Boitempo, 2016.

<sup>133</sup> PEIXOTO, José Luiz. **O marechal de costas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

**Anexo I**

Lista das matérias selecionadas para a seção 1.6. do primeiro capítulo

<b>EDIÇÃO</b>	<b>MÊS/ANO</b>	<b>TÍTULO E SUBTÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>
01	Outubro/2006	Vultos da República – entre dois votos, uma volta ao ar viciado dos gabinetes	Orlando Brito
02	Novembro/2006	Sem caixa 2 e sem coreografia – já estão em marcha as engrenagens da festa da posse, que dessa vez não contará com os talentos de Marcos Valério e Duda Mendonça	Não identificado
03	Dezembro/2006	O ortodoxo – do exílio ao patrocínio oficial, o trajeto de Emir Sader, intelectual orgânico do petismo	Luiz Maklouf Carvalho
07	Abril/2007	Um ministério de desimportância enciclopédica – na Wikipédia, o Ministro da Previdência vira dublador de Fred Flinstone, Hitler e Drácula	Não indicado
09	Junho/2007	Todos contra Daniel Dantas – depois de brigar com sócio, assessores e com o governo, o banqueiro se enroscou na armadilha que ele mesmo construiu	Consuelo Dieguez
10	Julho/2007	Gigantes do agronegócio, tremem – no seu 5º congresso, o MST inaugura uma nova linha política	Luiz Maklouf Carvalho
11	Agosto/2007	A metamorfose – Para mudar o Brasil, Roberto Mangabeira acredita ser necessário, primeiro, transformar a si mesmo	Consuelo Dieguez
11	Agosto/2007	À espera – Cesare Battisti, o último preso político no Brasil, aguarda a decisão do Supremo para saber se passará o resto da vida na cadeia	Mario Sergio Conti
11	Agosto/2007	O tempo de Temporão – O que pode de fato o Ministro da Saúde?	Daniela Pinheiro
11	Agosto/2007	Conciliação de classes – Filho de usineiros, dirigente do PT e líder de uma organização de sem-terras, Bruno Maranhão já comandou a ocupação de uma usina que sua família estava prestes a comprar	Luiz Maklouf Carvalho

13	Outubro/2007	O índio contra o império – Enquanto articula uma frente antiamericana com a Venezuela e o Irã, o presidente Evo Morales diz que, se a Petrobrás não investir no país, confiscará os campos de gás da companhia	Consuelo Dieguez
13	Outubro/2007	Linhas tênues –esquerda e direita unidas no acinzentado da ausência de luta política	Orlando Brito
15	Dezembro/2007	A volta do caudilho – Depois de oito anos de exílio e prisão, o general Lino Oviedo tem boas chances de, pelo voto, retornar a palácio presidencial de Assunção. E o governo Lula vai adorar	Consuelo Dieguez
16	Janeiro/2008	O consultor – A nova vida de José Dirceu, repleta de viagens, negócios, conversas, internet, nostalgia da política e xingamentos em restaurantes e aeroportos	Daniela Pinheiro
19	Abril/2008	Tesouro submerso – As descobertas da Petrobrás indicam que as reservas brasileiras devem saltar de 14 para 70 bilhões de barris, colocando o Brasil entre os maiores produtores do mundo. Quem vai explorar essa riqueza? E quem ficará rico?	Consuelo Dieguez
22	Julho/2008	Soninha, a dispersiva – Pós-petista, a socialista e budista que defende causas juvenis parte de moto em busca da Prefeitura de São Paulo	Luiz Maklouf Carvalho
22	Julho/2008	Elos perdidos – Entre o Palácio do Planalto e os traficantes, as associações de moradores de favelas	Cristina Tardáguila e Paula Scarpin
25	Outubro/2008	O caseiro – De como todos os poderes da República – Executivo, Legislativo, Judiciário, polícia, imprensa, governo, oposição – moeram Francenildo dos Santos Costa	João Moreira Salles
26	Novembro/2008	Zizek, o Moisés da dialética – Vino puro, cazzo duro	Não identificado
28	Janeiro/2009	O desafio do pré-sal: Achar	Consuelo Dieguez

		petróleo a 5 mil metros de profundidade exigiu centenas de milhões de dólares e uma operação de guerra. Será preciso muito mais para tirá-lo de lá	
30	Março/2009	O formulador emotivo – Marco Aurélio Garcia se inflama ao atacar Israel, a Globo e os tucanos. E chora ao se lembrar ao lembrar de um bom jantar em Paris e da morte da mulher, ao falar de seu filho e de sua mãe, e ao defender a candidatura de Dilma Rousseff	Consuelo Dieguez
30	Março/2009	A diplomacia entra em campo – O embate pela guarda do menino Sean muda de esfera, chega à grande imprensa brasileira depois de ser estampado no <i>New York Times</i> e bate às portas da Casa Branca e do Palácio do Planalto	Dorrit Harazim
35	Agosto/2009	Sérgio Rosa e o mundo dos fundos – O aprendiz de açougueiro e ex-bancário que comandou a guerra contra o Opportunity de Daniel Dantas	Consuelo Dieguez
37	Outubro/2009	Fraldas na prisão – Aécio Neves larga na frente na criação do primeiro presídio-creche do país. O Conselho Nacional de Política Penitenciária só acordou depois	Não identificado
37	Outubro/2009	Crime e reparação – Francenildo dos Santos Costa vai ao Supremo	Não identificado
37	Outubro/2009	Serra na hora da decisão – O espelho, as duas almas, os três Eus, as pesquisas, as implicâncias e os critérios que o presidenciável levará em conta para resolver se, de fato, será candidato ao planalto	Daniela Pinheiro
38	Novembro/2009	O setembro negro da Sadia – como uma pira de papéis tóxicos incendiou a Sadia	Consuelo Dieguez
39	Dezembro/2009	Pão e glória – De vereador de província a ministro da Justiça, do apoio ao golpe militar ao petismo, da defesa de ACM à de Lula – e de Chico Mendes, Edir	Luiz Maklouf Carvalho

		Macedo, Roger Abdelmassih, Camargo Corrêa e Eike Batista – as muitas causas de Márcio Thomas Bastos	
39	Dezembro/2009	Metade Jesus Cristo, metade Al Capone – Como Luiz Carlos Barreto, o produtor que cacifou o Cinema Novo, controlou a Embrafilme e inventou a renúncia fiscal, deu à luz <i>O filho do Brasil</i>	Roberto Kaz
39	Dezembro/2009	Do Piauí ao Planalto – Da rua Betoven, numa favela da periferia de Teresina, para um gabinete da Presidência, em Brasília – e vice-versa	Carol Pires
40	Janeiro/2010	A verde – Rompida com o PT, acolhida pelo PV e rodeada por interesses diversos, Marina Silva percorre o país defendendo uma “nação de baixo carbono	Daniela Pinheiro
41	Fevereiro/2010	Os últimos momentos do caso Sean – as negociações e pressões até o embarque do menino para os Estados Unidos com o pai	Dorrit Harazim
42	Março/2010	Dentro das pesquisas – Como as enquetes quantitativas e qualitativas se tornaram a bussola da campanha para presidente	Consuelo Dieguez
44	Mai/2010	A Copa do Cabo ao Rio – Numa época em que futebol e televisão viraram uma coisa só, o que a África do Sul ganhou e perdeu com a Copa – e o que o Brasil pretende fazer até 2014	Daniela Pinheiro
45	Junho/2010	A cara do PMDB – Quem é, de onde veio e o que quer o chefe do maior partido brasileiro e candidato a vice-presidente de Dilma Rousseff	Consuelo Dieguez
46	Julho/2010	Profissão: Ex-presidente – Aproxima-se a data em que o presidente Lula começará a medir a sua estatura fora do poder. Encontrará concorrência	Dorrit Harazim
46	Julho/2010	Em busca de um pouso (portfólio com fotos de ex-presidentes)	Orlando Britto
47	Agosto/2010	Pancadaria na rede – Restrições	Daniela Pinheiro

		legais, receio de fazer doações on-line e infraestrutura precária impedem que a internet ocupe um lugar relevante nas eleições presidenciais. Enquanto a modernidade não chega, usa-se o meio para insultar e desmoralizar o adversário	
47	Agosto/2010	Ego nas alturas – Na sala “Energia Criativa” de seu Instituto de Novas Ideias, o piloto de ultraleve Indio da Costa diz que não tem direito a estresse	Consuelo Dieguez
48	Setembro/2010	A arte de se livrar de um emprego ruim – Funcionário de uma companhia de trens, Guilherme Leal se viu demitido por malufistas, foi trabalhar com cosméticos sem entender nada do assunto, ficou bilionário e acabou entrando para a política	Marcos Sá Corrêa
48	Setembro/2010	Protógenes e eu – A grande obra do delegado que comandou a operação Satiagraha e agora é candidato a deputado federal por São Paulo	Raimundo Rodrigues Pereira
49	Outubro/2010	O desenvolvimentista – À frente do BNDES, Luciano Coutinho revitalizou o banco que agora libera empréstimos para indústrias, empresas de baixa tecnologia, frigoríficos e grandes grupos	Consuelo Dieguez
50	Novembro/2010	Multiplicação do perigo – Com o registro de três vazamentos no mar todos os meses, o Brasil se prepara para explorar o pré-sal	Luiz Maklouf Carvalho
51	Dezembro/2010	A oratória do poder – A posse de Dilma Rousseff traz uma nova safra de discursos presidenciais. Eles brotam de uma classe profissional que atende pelo genérico de <i>ghost-writers</i> . Falta alguém reinventar o clássico gestual do líder brasileiro que chega ao poder: dedo esticado em direção ao Céu, como se apontando para Deus	Dorrit Harazim

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. **Novos Estudos**. Cebrap, 91, novembro 2011, p. 23-52.
- BARBOSA, Marialva. A comunicação ao alcance da mão: novas tecnologias e o fim do século XX. In: \_\_\_\_\_. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 335-365.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autentica, 2015.
- BRAGA, Ruy. Apresentação. In: OLIVEIRA, Francisco de; BRAGA, Ruy; RIZEK, Cibele (Orgs.). **Hegemonia às avessas**. Economia, política e cultura na era da servidão financeira. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 7-14.
- CHAUVEAU, Agnes (Org.) **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999.
- COSTA, Carlos. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. **A revista no Brasil do século XIX**. São Paulo: Alameda, 2012, p. 15-27.
- KUCINSKI, Bernardo. **Cartas a Lula**. O jornal particular do presidente e sua influência no governo do Brasil. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo (Org.). **História nas bancas de revistas**. Um país impresso entre representações sociais e culturas políticas. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016.
- LUCA, Tania Regia de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.
- LUCA, Tania Regina de. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Unesp, 2011, p. 1-11.
- MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**. O caso da Editora Abril. 1997. 366f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Unicamp, Campinas, 1997.
- PASSOS, José Luiz. **O marechal de costas**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.
- PINTO, Daniela Caniçali Martins. **Piauí e o campo jornalístico**: Um estudo dos discursos sobre a revista. 2014. 289f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- REMÓND, Rene (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- RIBEYRO, Julio Ramón. **Prosas apátridas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- ROLLEMBERG, Marcello Chami. **Fetichismo em papel pólen**. 2013. 217f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da USP, São Paulo, 2013.
- SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

SINGER, André. **Os sentidos do Lulismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

WERNECK, Humberto (Org.). **Vultos da República**. Os melhores perfis políticos da revista piauí. São Paulo: Cia das Letras, 2010.